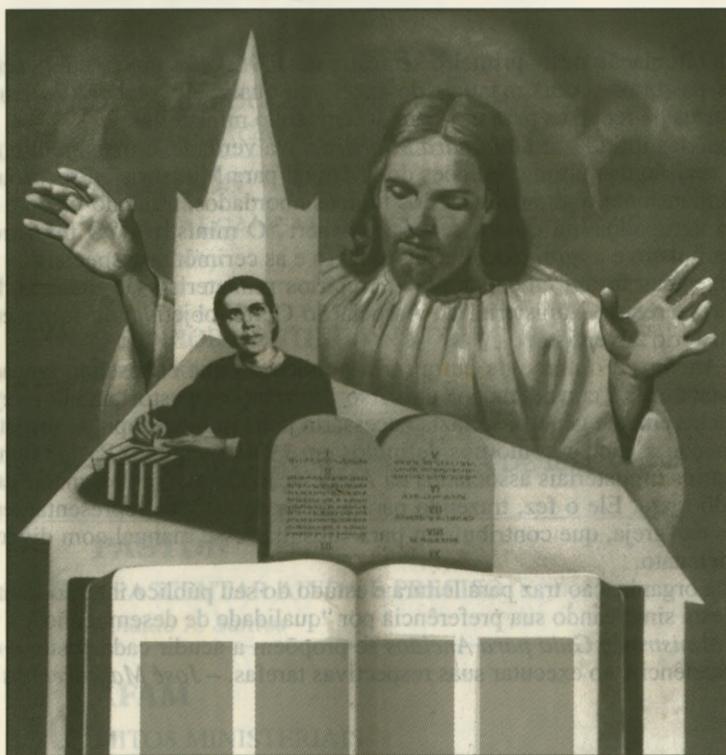

MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



O SENHOR CONTINUA
NA DIREÇÃO

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Qualidade de desempenho

Entram em circulação neste primeiro semestre de 1995, duas novas publicações para leitura e estudos pastorais – dois manuais de excelente qualidade, elaborados com esmero, e que chegam fartos de recursos para um bom desempenho ministerial.

O primeiro deles intitula-se *Guia para Ministros*. Na verdade, é mais, muito mais do que uma rotineira revisão das últimas edições do “Manual para Ministros”. Procurou-se, na obra em causa, redimensionar a abrangência dos tópicos abordados, tratando-os com profundidade. Eles estão agrupados em quatro seções, a saber: “O ministro”, “O ministro e a Igreja mundial”, “O ministro e a igreja local”, “O ministro e as cerimônias especiais”.

Idéias e sugestões foram enviadas por secretários ministeriais de todas as Divisões do mundo, para a Secretaria Ministerial da Associação Geral, objetivando fornecer uma visão global do Ministério adventista.

Guia para Anciãos é o nome da outra nova publicação que está sendo lançada. Em oito capítulos substanciais, é considerado o universo das relações pastor-ancião-igreja. Essa publicação, primeira em seu gênero, se fazia necessária já há muito tempo. O projeto que a materializou começou a ganhar contornos definidos em 1990, quando o Pastor James Zachary, um dos secretários ministeriais associados da Associação Geral, foi designado para conduzir a elaboração do texto. Ele o fez, trazendo para a mesa de estudos representantes dos vários departamentos da Igreja, que contribuíram para subsidiar esse manual com diversos ângulos de visão do ancianato.

Quando uma organização traz para leitura e estudo do seu público interno, guias de procedimentos, ela está sinalizando sua preferência por “qualidade de desempenho”.

Guia para Ministros e *Guia para Anciãos* se propõem a acudir cada pastor e cada ancião na busca da excelência, ao executar suas respectivas tarefas. – José Mascarenhas Viana.

Correção

Na edição setembro-outubro/94, à pág. 8, da entrevista com o Pastor Antônio Nepomuceno, aparece duas vezes o ano 1884, quando o correto é, em ambos os casos, 1844. Na mesma edição, à página 23, aparece a indicação de que Guilherme Miller nasceu em 1872. Na verdade, Miller nasceu em 1782.

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Ano 65 – Número 10 – Jan/Fev. 1995 – Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

2 QUALIDADE DE DESEMPENHO

José Mascarenhas Viana

ENTREVISTA

4 DEVEMOS OUVIR MAIS A IGREJA

Helder Roger Cavalcanti Silva

ARTIGOS

8 COMO ALCANÇAR A MENTE SECULARIZADA

Mark Finley

14 O SENHOR CONTINUA NA DIREÇÃO

George Knight

23 A EVANGELIZAÇÃO E A VOLTA DE JESUS

Luiz Nunes

PASTOR

26 APASCENTAR AINDA É PRECISO

Zinaldo A. Santos

AFAM

30 MITOS MINISTERIAIS

Laurie Denski-Snyman

32 BIBLIOTECA DO PASTOR

Diretor Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Redator responsável:** Zinaldo A. Santos; **Chefe de Arte:** Erlo Kohler; **Diagramação:** Darlene Camargo; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefté Carvalho; Moisés Batista de Souza.
Capa: Russel Harlan

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 — Brasília, DF.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuí, SP.

2530

Devemos ouvir mais a igreja

Pernambucano de Recife, onde nasceu em 9 de julho de 1956, neto de pioneiro, o Pastor Helder Roger Cavalcanti Silva sempre estudou em escolas adventistas. Formou-se em Teologia no ENA, em 1977, e posteriormente cursou também o mestrado, no IAE-São Paulo.

Sua carreira ministerial teve início na Missão Nordeste, onde foi pastor distrital por seis anos, departamental de Ação Missionária e Escola Sabatina durante quase três anos. Foi também presidente da MN, cargo que ocupa atualmente na Associação Bahia.

De seu matrimônio com Débora Meira Cavalcanti Silva nasceram três filhos: Helder (15 anos), Hélen (14 anos) e Hudson (10 anos).

MINISTÉRIO: *Como e em que circunstâncias sentiu o chamado para ser um pastor?*

PASTOR HELDER: Até o terceiro ano do curso científico, meu plano era cursar Engenharia eletrônica, e tinha um convite para estudar no Exterior. Foi então que senti o desejo de dedicar-me ao ministério. A experiência na colportagem, as oportunidades de pregar, e o diálogo com professores, prepararam o coração para o convite divino.

MINISTÉRIO: *Que tal a experiência de ter passado por vários níveis da Obra, ainda jovem?*

PASTOR HELDER: É um teste de fogo. Um privilégio e um risco; mas também é uma oportunidade de aprendizado, amadure-



Pastor Helder Roger Cavalcanti Silva.

cimento e de ampliar a visão. Como jovem, sinto o desejo de ver a Igreja avançar mais rapidamente. No entanto isso não raro implica mudanças e adaptações que, devido aos paradigmas existentes, trazem certo sofrimento. Às vezes, como administradores, damos a impressão de que temos dificuldades em assimilar mudanças. Temores e preconceitos se transformam em barreiras enormes.

Talvez devamos ser mais abertos, rá-

pidos e ágeis para tomar decisões que facilitariam o avanço da Igreja.

MINISTÉRIO: *O que espera de um pastor e de seus auxiliares diretos?*

PASTOR HELDER: Dos auxiliares diretos, espero dedicação, sinceridade, espírito de equipe, e respeito para com os colegas e membros da Igreja. Do pastor, espero que tome tempo para pastorear. Isso significa visitação aos membros, pregação sólida, treinamento para o trabalho, e envolvimento de si mesmo na missão. Além do crescimento intelectual e conscientização vocacional para servir. Tudo isso como fruto de um conhecimento experimental de Cristo.

MINISTÉRIO: *Administrador e pastor podem se encontrar numa mesma pessoa, ou as duas coisas não se combinam?*

PASTOR HELDER: Muitos acham que um aspecto atrapalha o outro; que o pastor é bonzinho, e o administrador um durão. Mas eu creio que o pastorado combina com qualquer

função legítima. O exercício de qualquer função na Igreja deve estar impulsionado e motivado por princípios cristãos. Assim, não pode haver entrechoque. O pastor também atua como administrador, na igreja, e tem de tomar decisões difíceis, às vezes. Nunca um obreiro deve esquecer que é, antes de tudo, um pastor.

MINISTÉRIO: *Que diferenças existem entre administrar a Igreja e administrar empresas seculares?*

PASTOR HELDER: Os princípios da verdadeira administração estão na Palavra de Deus, e podem ser empregados tanto na Igreja, como numa empresa secular. A diferença é que o objetivo da Igreja é superior a qualquer objetivo empresarial: salvar pessoas para a vida eterna.

Mas é interessante notar que as empresas seculares já descobriram, também, que o ser humano é a base de tudo. "Pessoas satisfeitas consigo mesmas produzem melhores resultados", é uma conhecida máxima do mundo empresarial. Assim sendo, investe-se muito nos funcionários, a fim de melhorar a produtividade e a qualidade dos serviços e produtos. Nossa década é marcada como a da conquista do cliente. Tudo é feito para conquistar o cliente. Se as empresas seculares descobriam isso, quanto mais empenhados nós deveríamos estar no sentido de priorizar as pessoas, como o maior patrimônio da Igreja. Ao voltar Jesus, Ele levará para os Céus, não lindos templos, hospitais e escolas. Levará pessoas. E não devemos esquecer que, entre elas, estão também os obreiros e seus familiares.

MINISTÉRIO: *Como poderíamos evitar o crescente secularismo na Igreja?*

PASTOR HELDER: Jamais podemos perder de vista o sentido de missão. Podemos utilizar todos os modernos recursos administrativos, mas não podemos abrir mão do sentido missionário, dirigido pelo Espírito Santo. Alguns não querem valer-se de métodos modernos, temerosos de que isso signifique perda de fé e confiança em Deus. Outros, ao contrário, parecem querer substituir o poder de Deus pelos métodos mundanos. Equilíbrio é necessário.

A Igreja triunfará, na medida em que pastores e membros se apoderem mais e mais do poder de Deus, através do companheirismo diário com Jesus. Isso não nos impede de aproveitarmos todos os recursos legítimos disponíveis.

MINISTÉRIO: *Qual é a base de seu programa para o Campo?*

PASTOR HELDER: Durante nossos con-

cílios, dedicamos a maior parte do tempo para aulas e palestras que tragam subsídios ao trabalho pastoral. Pouquíssimo tempo é empregado em promoções. Os pastores têm oportunidade de relatar suas conquistas e projetos.

O treinamento é constante, e estamos lutando para formar treinadores entre os próprios membros, considerando que existe muita gente capacitada em nossas igrejas. Quanto à família do pastor, a AFAM e o Ministério da Mulher são nossos canais de assistência. Nos momentos de transferências, até mesmo consideramos cada situação específica, a fim de evitar prejuízos, especialmente no que diz respeito à educação de filhos e à saúde de algum membro da família.

MINISTÉRIO: *Que meios utiliza para conseguir envolvimento de pastores e leigos, no trabalho?*

PASTOR HELDER: Desenvolvendo um programa bem aberto, e que dê bastante espaço para as realizações dos pastores e suas igrejas, no contexto onde estão inseridos. Temos de reconhecer que alguns dos nossos planos, elaborados no escritório, encontram dificuldade de viabilização prática em alguns lugares. Aqui, costumamos ouvir muito os pastores e membros. Algumas vezes descartamos uma idéia, que não tenha sido bem recebida, e sugerimos outra. Ou até aceitamos outra melhor. Na diversidade também há unidade. É ouvindo e prestando atenção àqueles que estão na chamada linha de frente, que encontramos as melhores sugestões e, conseqüentemente, todos acabam envolvidos naquilo que ajudaram a planejar.

Não acredito em pressões e promessas de premiação para alcançar alvos. Sei que todo ser humano necessita de motivação, mas a maior motivação que deve ter um pastor, para realizar uma tarefa para a qual foi chamado por Deus, é a mesma de Paulo: "o amor de Cristo nos constringe."

MINISTÉRIO: *Em menos de dois anos a Associação Bahia promoveu três concentrações gigantescas. Isso dá resultado?*

PASTOR HELDER: A igreja aprecia tais eventos. É verdade que o investimento financeiro, e em termos de trabalho, é muito grande. Mas o resultado é compensador. O segredo é envolver a igreja e ter um programa espiritualmente forte. Se tudo é feito apenas para encher os olhos, o retorno é pequeno. Mas quando são apresentados grandes projetos comunitários e missionários, a participação é benéfica e o saldo é

positivo. Temos experiências de decisões impressionantes, tomadas durante essas concentrações.

MINISTÉRIO: *Como vai a Associação Bahia na Missão Global?*

PASTOR HELDER: Graças a Deus, está bem. Nos últimos seis anos, 36 cidades foram evangelizadas, das quais 32 eram novos campos. As dez prioridades já foram, todas elas, alcançadas. Em duas dessas prioridades, faremos um evangelismo reforço, em 95, por terem se mostrado muito resistentes na primeira investida.

Concluimos o ano de 1994 com 50 distritos pastorais, 527 igrejas e grupos, sem contar famílias isoladas; 49.159 membros batizados, 42 escolas, 401 professores, 9.456 alunos, 184 clubes de desbravadores e 180 colportores. Batizamos aproximadamente sete mil pessoas.

Em 95, a meta é conquistar um novo lugar por distrito. O envolvimento e a dedicação dos membros nos têm emocionado bastante.

MINISTÉRIO: *Por que foi adotado um novo modelo administrativo em seu Campo?*

PASTOR HELDER: Nosso Deus é dinâmico. A Igreja também deve ser dinâmica, na medida do seu avanço. Quando Israel saiu do Egito, Moisés recebeu conselho de seu sogro, Jetro, para organizar melhor a liderança, tornando viável a condução dos negócios daquela igreja. Nos dias dos apóstolos, a Igreja crescia, surgiram necessidades especiais, e eles se reuniram para reestudar a dinâmica administrativa. E surgiram os diáconos. Mudanças também aconteceram na caminhada da igreja remanescente. Por que não testar um novo modelo, hoje, num mundo dinâmico?

Os diversos níveis superiores da Igreja – Associação Geral, Divisão e União – se dedicam mais ao planejamento e produção de materiais. A partir do Campo local, a nota tônica é a execução dos planos. Mesmo no Campo, existe a tendência de continuar planejando e promovendo, deixando com o pastor distrital toda a carga da realização.

Com o sistema de administração regional, o processo é diferente. O líder regional se une ao pastor na execução dos planos. Fortalece o lado mais carente, o da prática; e se torna uma forte ajuda ao pastor. Ele está

mais perto do pastor, comprometido com o pastor. Isso sem falar no fator economia. Uma administração com regionais pode ir a 100 distritos, com dez regionais, o que dará margem para maiores investimentos nos distritos. As despesas com a administração de um Campo médio corresponde a 50% das despesas com todos os distritos.

MINISTÉRIO: *Explique a dinâmica desse método.*

PASTOR HELDER: O Campo é dividido em regiões. Cada região tem em média dez distritos, sob a responsabilidade de um líder.

Mensalmente, esses líderes regionais se reúnem com a administração, para estudar os planos das Organizações Superiores, os locais, e trazer informações de seu território. Em seguida, em encontros regionais, transmitem os projetos recebidos aos pastores

envolvidos, e discutem os projetos locais.

Para atender aos diversos setores, contamos com o apoio dos pastores e membros voluntários, que têm assumido com alegria a responsabilidade de promover e treinar oficiais, nas respectivas áreas. Durante a semana, o diretor regional visita o pastor, participando com ele do estudo devocional e da visitação aos membros da igreja.

Mantemos ainda os concílios gerais, dos quais também participam os departamentais de Educação, Colportagem e Evangelismo, que permanecem na sede da Associação, em virtude das particularidades dessas áreas. O mesmo ocorre com o coordenador de desbravadores.

MINISTÉRIO: *Que fatos o senhor citaria para exemplificar, na prática, a eficácia do plano?*

PASTOR HELDER: Em primeiro lugar, cito o resultado de uma pesquisa efetuada entre os pastores do Campo. A pergunta “como você avalia o apoio que o sistema regional tem dado aos trabalhos do pastor distrital”, 75% responderam que “melhorou”; para 17%, tudo continua “como antes”; 6% acham que “piojou”; e 2% responderam “não sei”.

Estamos alcançando os maiores índices de batismos da história da Associação Bahia. Alcançar sete mil batismos num ano de poucos recursos materiais, só pode ser atri-

A saída para todos os dilemas pastorais e administrativos é permanecer mais tempo aos pés de Cristo.

buído, à parte da ajuda divina, ao empenho dos diretores regionais junto aos distritais. O crescimento de dízimos é notório. Os pastores estão efetuando com suas igrejas, grandes realizações como campais, congressos e cruzadas evangélicas. Além disso estão desenvolvendo seus dons, ministrando cursos nas diversas áreas da igreja.

MINISTÉRIO: *Como a irmandade está reagindo?*

PASTOR HELDER: Num recente concílio com 100 anciãos, todos eles foram unânimes na aprovação do programa das regionais. Especialmente aqueles que estão mais distantes da sede da Associação, dizem ter agora um apoio jamais visto. Para os irmãos, o diretor regional é a Associação presente.

MINISTÉRIO: *Não há aspectos que necessitem ser melhorados?*

PASTOR HELDER: Evidentemente há. Todo processo novo precisa de aperfeiçoamento. O diretor regional, por exemplo, necessita aprofundar ainda mais sua assistência ao pastor. Ao lado disso, lutamos com a necessidade de maior participação dos membros da igreja, no treinamento e condução dos diversos departamentos. Sentimos que os anciãos deve ser também mais assistidos. Enfim, nenhum problema que não existisse antes, e ademais, o plano é novo e necessita de tempo para desenvolver-se completamente. Estamos abertos para sugestões.

MINISTÉRIO: *Se tivesse de assumir um distrito hoje, o que faria diferente do que fez antes?*

PASTOR HELDER: Dedicaria mais tempo no treinamento e preparo dos membros voluntários; dedicaria mais tempo ao aspecto espiritual e menos ao administrativo; confiaria aos membros uma grande quantidade de tarefas que eles podem fazer até melhor do que eu. Talvez um dos maiores pecados do ministro é a tentativa de fazer tudo. Existem irmãos hábeis, capacitados por Deus em áreas específicas, mas nós insistimos em ser especialistas em tudo, ou quase tudo.

MINISTÉRIO: *Como vê a Igreja e o ministério adventista neste final de século?*

PASTOR HELDER: Vejo a Igreja crescendo no espírito da Missão Global, na conquista de novos conversos, e alcançando grandes vitórias nas áreas de educação comunicação de massa. É bem verdade que por trás dos triunfos existem desafios, como o de pastores bem preparados para assumir grandes igrejas, melhorar a pregação, atingir

as classes altas da sociedade, e levar o povo a uma experiência de maior fidelidade.

A igreja luta contra as pressões do mundo moderno, luta para evitar apostasia; contudo, a saída para todos os dilemas é permanecer mais tempo aos pés de Cristo. Mais de Cristo no programa diário do pastor, no lar, nos concílios, nas reuniões, em tudo enfim. Não são os planos, as estratégias ou a movimentação, mas a permanência em Cristo, diariamente, é que nos levará à vitória final.

MINISTÉRIO: *No seu modo de ver, que perigos rondam a Igreja hoje?*

PASTOR HELDER? Segundo posso entender, pelo menos até aqui, os nossos maiores problemas são administrativos. A doutrina está bem firme. O programa de mestrado tem sido uma grande força no desenvolvimento de nossos pastores, e até acho que ele poderia ser estendido a um maior número de obreiros, pela amplitude de visão que proporciona, e também pela reciclagem doutrinária.

Quanto maior o envolvimento e o investimento nos anciãos e líderes locais, mais fortalecida estará a Igreja.

MINISTÉRIO: *Como consegue administrar uma Associação, atender à família e ter seus momentos de estudo pessoal?*

PASTOR HELDER: Este é o meu maior desafio. Normalmente atendemos bem uma área em detrimento de outra. O atendimento à família tem melhorado, embora eu seja suspeito para falar. Para o preparo pessoal, tenho dedicado algumas manhãs estudando em casa. Na administração, gastamos muito tempo no escritório, resolvendo coisas que outros poderiam fazer. Estou, no momento, procurando disciplinar melhor a divisão do tempo, e começo a comemorar algumas vitórias.

MINISTÉRIO: *Agora, uma mensagem aos leitores da revista.*

PASTOR HELDER: Primeiramente, eu diria que, no aspecto administrativo, deveríamos manifestar maior confiança e abertura em relação à participação de pastores e membros voluntários, nas decisões e na formulação de planos, em todos os níveis. Temos perdido muito por não ouvi-los mais. Todos amam profundamente a Igreja e querem contribuir para a terminação da Obra.

No aspecto espiritual, devemos ter sempre em mente que se Cristo for deixado do outro lado da porta, seremos infelizes, miseráveis, pobres, cegos e nus. Qualquer conquista sem Cristo é de nenhum valor. Mais de Cristo – eis nossa maior necessidade agora.

Como alcançar a mente secularizada

MARK FINLEY

*Orador do programa Está Escrito,
nos Estados Unidos*

O mundo ocidental representa um formidável desafio para o evangelismo atual. Os enfoques tradicionais em geral têm produzido poucos resultados. Cada vez mais está se tornando difícil atrair grandes multidões. Métodos que foram produtivos no passado, hoje já não mostram a mesma eficácia. A propaganda que uma vez atraiu multidões é cada vez menos efetiva. Tudo isso nos leva a perguntar seriamente: Onde reside o poder do evangelho nesta época secularizada? É possível ainda ver cidades inteiras sacudidas para Deus, hoje, como acontecia nos dias do Novo Testamento? Como pode o evangelho penetrar na cultura secular? Que poderíamos fazer para influenciar as mentes secularizadas e ganhá-las para Cristo?

O problema do secularismo, o materialismo, e a falta de interesse nos assuntos espirituais, não é novo. O mundo do primeiro século revela assombrosos paralelismos com a sociedade humanista, atéia e sequiosa de prazer da atualidade. A sociedade estava dominada, em grande medida, pela filosofia grega, pelo materialismo romano, pelo tradicionalismo judeu e pelas superstições pagãs. No entanto, cheios do Espírito Santo, consagrados à tarefa do evangelismo mundial, os discípulos comoveram o mundo com o poder do evangelho.

No primeiro século

Ao relembrarmos rapidamente o secularismo do primeiro século, vamos notar a forma pela qual o Espírito Santo agiu. Will Durant, em sua obra *César e Cristo*, descre-

ve a sociedade do Novo Testamento como moralmente decadente, na qual florescia a prostituição, o aborto era prática comum e a homossexualidade era desenfreada. Era uma sociedade estimulada pelos prazeres sensuais. Comentando a seu respeito, Sêneca, filósofo romano, disse que “eles vomitam para comer e comem para vomitar”. Teatros romanos superlotados deificavam os atores e atrizes favoritos das multidões. As estrelas do cenário eram os ídolos da sociedade. Os cantores e bailarinas, que existiam aos milhares, entretinham as multidões. Corridas de cavalos e outros eventos esportivos fascinavam o povo. O encanto hipnótico das competições atléticas cativava os cidadãos. A população romana, de aproximadamente um milhão de pessoas, considerava a vida humana com assombrosa indiferença. Quando Tito dedicou um templo em Roma, encenou grandes batalhas nas quais morreram milhares no que não era mais que um entretenimento desportivo. Os lutadores romanos que competiam por prêmios, com suas armas, não apenas nocauteavam uns aos outros, mas matavam-se barbaramente.

E as posses materiais eram verdadeiros deuses. Adquirir coisas tornara-se a única ambição da vida. Os manipuladores do pensamento filosófico minimizavam a realidade de Deus. Se o secularismo buscava os valores materiais na vida e diminuía a Deus no processo, Roma era, certamente, secular.

Não obstante, o evangelho penetrou na sociedade secular. Os corações honestos eram ganhos para o reino, uma vez que o secularismo não mais satisfazia suas mais pro-

fundas necessidades. O secularismo era absolutamente incapaz de suprir a fome íntima de amor, sentida pelo povo. Não dava significado nem propósito, não satisfazia o anelo interior pela eternidade, tampouco assegurava esperança após a morte.

A vitória da igreja

Jesus Cristo prometera a Seus discípulos porção extraordinária de poder espiritual a fim de que pudessem enfrentar o insólito desafio do secularismo romano: “Mas recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis testemunhas em Jerusalém, como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da Terra” (Atos 1:8). E hoje, onde quer que sejam vistos desafios semelhantes, a promessa é a mesma. Onde quer que haja obstáculos para o evangelho, o poder prometido por Deus os supera.

Ao que parece, nosso enfoque está mais centralizado nos problemas do secularismo, do que no poder do Espírito. Tenho ouvido em reuniões de comissões e mesas administrativas, alguns expressarem a idéia de que sendo a sociedade mais e mais secularista, o evangelismo simplesmente não funciona. Está superado e obsoleto. Que tremendo engano! O evangelho é tão poderoso hoje como o foi dois mil anos atrás. O método de Deus para alcançar as massas é a poderosa pregação evangelística.

Atos 2 descreve como a pregação cheia do Espírito supriu as necessidades dos corações profanos e deu lugar ao batismo de três mil pessoas.

Atos 4:4 registra que “muitos, porém, dos que ouviam a palavra a aceitaram, subindo o número de homens a quase cinco mil”. O capítulo seis assinala o rápido crescimento da igreja e uma reorganização para facilitar o avanço. “Crescia a palavra de Deus e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé.” (v. 7).

Em Atos 8 é visto um crescimento intercultural. Felipe, imbuído do Espírito Santo, tocou o coração de um viajante etíope. E Deus abriu a porta do continente africano. Nos capítulos 10 e 11, o crescimento intercultural prossegue quando Pedro prega a Cornélio, e outra porta foi aberta para o evangelho.

Andando no livro de Atos, chegamos ao capítulo 17, quando a mensagem penetrou em todas as partes, tocando corações e vi-

das, aos milhares. E os discípulos transtornavam o mundo (v. 6). Atos 20:20-23 assinala que eles estavam tão motivados pelo Espírito, que ensinavam “publicamente e também de casa em casa”. As barreiras que reprimiam o evangelho ruíram. A mensagem cristã foi levada de cidade em cidade, país em país, de continente em continente. Segundo Atos 21:20, milhares de judeus crearam em poucos anos. O capítulo 22:21 assegura que o evangelho foi levado a todo o mundo gentio.

Em rápidos 30 anos, o evangelho venceu. Uma sociedade totalmente secularizada foi atingida num período de tempo relativamente curto.

Razões do crescimento

Como explicar o rápido crescimento da Igreja primitiva? Primeiramente, consideremos as pessoas que estavam por trás da proclamação. Os próprios discípulos foram conduzidos a um genuíno arrependimento, um reavivamento espiritual e a uma reforma correspondente. Tinham um propósito em comum e o objetivo único de conquistar perdidos para Cristo. Estavam permanentemente conscientes da necessidade de oração intercessória. Em segundo lugar, pensemos em como o Espírito Santo dirigiu o poder de pensamento dos discípulos, capacitando-os a abrir possibilidades interculturais para o evangelismo. Como resultado, pregavam a Palavra tanto em público como em particular, e seu ministério era acompanhado de sinais sobrenaturais, maravilhas e milagres. Eles criam que Deus os chamara para pregar Sua mensagem em todas as partes, e nenhum poder da Terra podia detê-los. Centravam sua fé no poder divino, para fazer frente aos obstáculos humanos.

Sem o retorno do poder pentecostal, não existe forma possível de alcançar homens e mulheres hoje. Por outro lado, necessitamos compreender a sociedade secular e sua mentalidade a fim de nos aproximarmos dela com sabedoria. Entender a mentalidade secular nos ajudará a desenvolver melhores métodos para alcançá-la e aplicá-los evangelisticamente nas situações reais da vida

Compreendendo o secularismo

Para entender a mentalidade secular, consideremos rapidamente as filosofias que têm formado o pensamento nos últimos du-

zentos anos. A questão básica da vida é tríplice: De onde venho? Por que estou aqui? Para onde vou? Essas perguntas têm a ver com a origem, o propósito e o destino da existência humana.

Os formadores do pensamento moderno crêem que descendemos de um princípio impessoal. A teoria da evolução de Darwin tem permeado todos os aspectos da vida moderna. Jacques Monod resumiu o ponto de vista das origens da evolu-

ção com estas palavras: “Unicamente o acaso é a fonte de toda inovação, de toda criação na biosfera. O simples acaso, absolutamente livre, porém cego, está no princípio do estupendo edifício da evolução.”¹ Jean Paul Sartre, filósofo, novelista e dramaturgo francês, acrescenta

que “toda existência nasce sem razão, prolonga-se a si mesma a partir da debilidade, e morre por casualidade”.² Tudo isso requer uma cuidadosa reflexão. Se realmente é certo que a vida é simplesmente produto de causas fortuitas, então os seres humanos são nada menos que moléculas de proteínas que aumentaram de tamanho. Esse ponto de vista minimiza o pensamento de que fomos criados por um Deus pessoal, infinito e amante. Uma idéia confusa sobre as origens conduz a uma idéia também confusa a respeito do significado da vida.

Numa sociedade baseada na cultura evolucionista, a auto-estima será, por natureza, baixa. Não admira que o suicídio seja causa número um de morte entre estudantes universitários. Como a existência pode ter significado se não estou aqui mais que por um acidente? O terreno para o surgimento do secularismo encontra-se no fracasso em compreender a origem do homem e o verdadeiro propósito da vida. Para os secularistas, a vida não tem significado, exceto o aqui e o agora. A idéia de um destino eterno é idiotice.

Mensagem para a cultura secular

Possui o adventismo uma mensagem para os milhões que têm abraçado esse ponto de vista secular? Possuímos algo relevante,

numa era quando o pessimismo impregnou a cultura de desespero? Podemos falar com profundo sentido àqueles que estão se afofando na abundância?

Os adventistas do sétimo dia crêem que Deus criou o mundo. Cremos que a ordem e o desígnio vistos indicam a existência de um criador, e que o acaso é incapaz de explicar a complexidade do Universo. Mas, além de tudo isto, afirmamos que a vida pessoal inteligente sobre o planeta

Terra não poderia ter sido produzida pelo impessoal e desprovido de inteligência. Portanto, cremos que o mundo foi feito por um Deus que é o ideal de inteligência, a essência do amor, e o grande Arquiteto; um Deus que é infinito, e pessoal. Isso diz aos homens e mulheres

desesperados que eles valem muito.

Os quadros de Leonardo da Vinci e as esculturas de Miguel Ângelo são apreciáveis porque cada uma delas é única. Do mesmo modo que cada floco de neve é uma configuração única, assim cada vida humana é diferente de toda outra vida humana. Cada ser humano é precioso, valioso, digno. Os adventistas dizem ao secularista moderno: “você foi criado como um ser único e singular, à imagem de Deus. Você é uma pessoa que possui muito valor; é valiosa porque é única. Ninguém é igual a você. Você é insubstituível. Tão valiosa que, quando os seres humanos afastaram-se de Deus, Ele deu Seu filho Jesus Cristo, para resgatá-los.”

A fé cristã não é simplesmente um sistema de valores éticos e filosofia moral. É a crença de que Deus Se lançou na arena do desespero humano, para morrer pelos homens e mulheres a fim de redimi-los. E mais, com nossa doutrina do advento que inspira esperança, dizemos confiantemente a um mundo angustiado: “A esperança existe!” Cristo breve virá para dar fim ao pecado. O sofrimento, a enfermidade e a morte se renderão ante uma gloriosa manhã. De modo que o adventismo é claramente relevante para a sociedade contemporânea. Fala às necessidades de nosso tempo. Responde às três perguntas básicas da vida.

Ademais, é importante considerar a for-

ma como o sábado supre a necessidade humana de descanso, segurança e um lar nos braços de Deus. Pensemos na forma em que o conceito bíblico de vida saudável supre a necessidade secular de integridade física, mental e espiritual.

Da teoria à prática

Como podemos traduzir em ação esta mensagem adventista que supre às necessidades? Quais são algumas das possíveis formas de aproximação da mentalidade secular? Não pretendemos ter todas as respostas para alcançar o secularista, mas existem alguns princípios que utilizamos na Europa ocidental, nos bastidores do secularismo como Copenhague, Estocolmo e Londres; no Leste europeu, onde o comunismo e o ateísmo reinaram durante muitas décadas; e nos grandes centros metropolitanos dos Estados Unidos.

Princípios não são métodos fixos, que tenham seguro de êxito para alcançar mentes seculares. São enfoques que temos forjado no crisol do evangelismo citadino durante os últimos 25 anos.

Começemos com o óbvio. O evangelismo pessoal é a melhor forma de ganhar o secularista. Pessoas são necessárias para ganhar pessoas. Os programas não ganham as pessoas; um indivíduo amante é quem desenvolve relações com outros indivíduos, generosamente. Em geral, o povo responde à bondade. A amizade genuína desfaz preconceitos. Uma coisa é certa: você não ganhará os secularistas para Cristo, discutindo com eles.

Todo ser humano sente necessidade de algo. Essas carências sensíveis são áreas onde o indivíduo precisa de ajuda. Elas podem incluir uma melhor saúde, ajuda para deixar de fumar, dieta pobre em gorduras, redução de estresse,

felicidade no casamento, satisfação profissional, amizade, perdão, liberdade do sentimento de culpa, ou paz interior.

Conheço isso muito bem. Se os membros da igreja forem sensíveis, amistosos, interessados no bem-estar alheio, e cavadores de

oportunidade para ajudar a suprir necessidades de seus amigos, o muro do preconceito cairá. As mentes fechadas se abrirão. As oportunidades se apresentarão para que partilhemos o evangelho.

Segundo o livro *A Summary of Qualitative Research of the Unchurched*,³ o secularista tem quatro atitudes negativas básicas diante da igreja. Em primeiro lugar, sente que a igreja é demasiado materialista, e que se converteu num próspero negócio comercial. É como as grandes empresas comerciais. Segundo, consideram que a igreja é um tipo de poder dominante, tratando de manipular o pensamento. Tolhe a liberdade de expressão. Arroga-se o direito de dizer como o povo deve viver.

Em terceiro lugar, a igreja é hipócrita. O abismo entre o que ensina e o que vive é demasiado grande para ser atravessado. Há uma discrepância entre as palavras e as ações. Para muitos, a igreja é semelhante a um clube do qual não desejam tornar-se sócios.

E quarto, os secularistas crêem que a igreja não é relevante, não acompanha as mudanças do mundo; não consegue ser parte da vida real. Serviços religiosos lhes causam aborrecimento.

Porém, surpreendentemente, o mesmo estudo indica que muitos considerariam a possibilidade de assistir à igreja se pudessem discutir suas dúvidas religiosas abertamente com alguém. Se eles vissem que a igreja é uma instituição seriamente interessada em trabalhar pelo melhoramento da sociedade,

se descobrissem uma igreja onde a pregação espiritual supre as necessidades, a frequentariam sem a menor dúvida.

Um programa de educação religiosa, sólido e efetivo, para implantar valores morais nos jovens e nas crianças, é extremamente importante. Os membros secularistas da ge-

ração de pais modernos estão retornando à igreja aos milhares, porque estão preocupados com seus filhos.

Quando consideramos a estratégia de Cristo para alcançar a mente secularizada de Seu tempo, notamos que Ele começava onde o

Fazer amizade
é a melhor
forma
de ganhar um
secularista
para Cristo.

povo estava e não onde Ele estava. Jesus sempre iniciava ministrando com amor às necessidades daqueles com os quais entrava em contato. Na verdade, o livro de João é um estudo de casos nos quais o Senhor supriu necessidades espirituais. No início de Seu ministério, Jesus notou que dois homens O seguiam, e lhes fez a seguinte pergunta: “Que buscais?” (João 1:38). Parece que Ele sempre faz a mesma pergunta. Que estás buscando? O que de mais profundo existe em teu coração? O que desejas, realmente?

Através de todo o Evangelho de João Cristo responde a essa pergunta – “Que buscais?” Preocupa-se em descobrir as necessidades do povo e então age no sentido de supri-las. Nas bodas de Caná, o anfitrião da festa estava a ponto de sofrer uma catástrofe social. Jesus supriu uma necessidade de caráter social, ao transformar a água em vinho. As necessidades de Nicodemos, sem embargo, eram espirituais. A religião formal não as satisfazia, e Cristo as supriu, partilhando com ele a necessidade de um novo nascimento espiritual (João 3).

A mulher junto ao poço tinha carências emocionais, e Jesus lhe disse que o amor do Pai poderia satisfazê-las. O homem junto ao tanque de Betesda necessitava de cura física e a multidão faminta precisava alimentar-se. Jesus satisfez a todos.

Ao suprir necessidades, Jesus rompeu todos os preconceitos da sociedade de Seu tempo. Enquanto as barreiras da oposição iam sendo derrubadas, os corações e as mentes se abriam ao evangelho. A declaração de Ellen White, freqüentemente citada, continua sendo verdadeira: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador aproximava-Se das pessoas como alguém que lhes desejava o bem. Mostrava-lhes simpatia, atendia a suas necessidades e ganhava sua confiança. Então lhes dizia: ‘Segue-Me.’”⁴

A igreja é o povo de Deus preparado para servir, que supre amorosamente as necessidades da vida diária em nome de Jesus. A igreja é o corpo de Cristo, e cada membro possui dons repartidos pelo Espírito Santo

para servir. Cada membro do corpo tem muito valor. E Deus deu a cada membro dons que devem ser usados em Seu serviço. Quando os membros da igreja compreenderem isso, poderão fazer planos para satisfazer as necessidades de amigos e vizinhos. Então

haverá uma explosão de interesse no evangelho. Sensibilidade ante o sofrimento, preocupação pelos outros, demonstração de genuíno interesse pelas necessidades do próximo são meios utilizados por Deus para ganhar corações. E, como membros da igreja, possuidores dos dons particulares que Ele nos tem outor-

gado, para trabalhar por amigos e vizinhos, temos a garantia de que haverá resultados.

Particularmente, tenho achado muito útil o simples fato de partilhar o plano da salvação no contexto da minha própria experiência. Falar do amor de Cristo, reduz preconceitos e ganha corações. Transforma vidas. A cruz é o argumento mais forte em favor do cristianismo. Corações e mentes secularizados têm fome do amor revelado pela cruz.

Tenho testemunhado como o Espírito Santo comove corações humanistas, secularizados e endurecidos, por meio de uma simples apresentação do plano de salvação. Um espírito combativo apela ao espírito de debate. Os argumentos das mentes intelectuais se encontram com a resistência das mentes céticas. Porém uma mensagem da graça de Deus, que brota de um coração cheio de amor, tocará corações.

Todavia, nenhum plano ou enfoque é traçado para alcançar todos os indivíduos. Há pessoas que, em princípio, respondem melhor a uma estratégia alternativa. Muitos acham que a Bíblia carece de substância intelectual. Quase desconfiam de sua integridade. Partilhar com essas pessoas algumas das grandes profecias bíblicas, que demonstrem a confiabilidade e a veracidade das Escrituras, em algum momento tocará seus corações.

As profecias de Daniel foram particularmente traçadas por Deus para desenvolver a confiança na veracidade das Escrituras. As profecias do Velho Testamento, concernentes a Jesus como o Messias, são especialmente comovedoras. Seu nascimento virginal

Corações e mentes secularizados têm fome do amor revelado pela cruz do Calvário.

em Belém (Isa. 7:14; Miquéias 5:2), a origem e linhagem de Jesus (Gên. 49:10), assim como os eventos da crucificação esboçados em Zacarias 13, Salmo 22, e outras passagens, produzem a grande certeza de que Ele é mais que um homem bom, mais que um filósofo moralista; sim, que é o divino Filho de Deus.

A compreensão de algumas das profecias concernentes ao surgimento e queda das nações através de todo o Velho Testamento é uma evidência convincente para muitas mentes seculares. Profecias como as de Ciro, imperador persa nomeado 150 anos antes de seu nascimento (Isa. 44:28; 45:1 e 2), a destruição de Tiro e Sidom (Ezeq. 26:1-4, 19-21), e a desolação do Egito (Ezeq. 19:1-9), todas estabelecem a confiança nas Escrituras como um documento divinamente inspirado.

Tenho visto muitas pessoas chegarem às reuniões evangelísticas e mudarem do ceticismo à fé, depois de ouvirem as profecias. Em Chicago, um casal jovem, formado pela Universidade de Illinois, foi conduzido do secularismo para a salvação, ao assistir a um dos seminários sobre Daniel. Um radialista de Niles, Michigan, depois de ouvir as profecias de Daniel e as evidências arqueológicas da Bíblia, foi tocado pelo evangelho.

Enfrentando o mito da evolução

Muitas pessoas crêem que a evolução é um fato cientificamente provado. Concluem que uma crença na Bíblia nega os assim chamados fatos da ciência. É quase impossível aceitar um cristianismo que a mente rechaça como não sendo genuíno. Eles arrazoam que "se o registro do Gênesis está enganado, como posso confiar em qualquer outra porção da Escritura? Se a raça humana está evoluindo para estágios mais elevados de desenvolvimento, por que necessitamos de um Salvador? Não é fato que a religião somente produz neurose de culpa?" Descubri que é útil aproximarmos-nos de tais indivíduos, a partir de uma abordagem científica. Há três leis científicas que questionam totalmente a Teoria da Evolução.

A evolução afirma que se houver tempo necessário e condições corretas, os seres inanimados produzirão seres vivos. Porém, não existe, absolutamente, nenhuma evidência no mundo natural de que isso possa acontecer. É uma lei fundamental da ciência,

que só vida produz vida. A ciência declara também que semelhantes produzem semelhantes. A evolução também diz que existem laços entre as classes e as espécies de animais. No entanto, não existe evidência concreta para sustentar tal afirmação. Declaram os evolucionistas que quando sozinhas, sob determinadas condições, as mutações tendem a melhorar. No mundo natural, as mutações são nada menos que deformações genéticas, não melhoras genéticas.

Quando é apresentado aos materialistas seculares o pensamento de que a evolução atéia é uma teoria e não um fato, cuja aceitação requer mais dose de fé do que o criacionismo, começarão a pensar seriamente nas suposições sobre as quais tal pensamento é fundamentado.

Resposta segura

Somente a Bíblia pode dar significado às grandes questões da existência. A Bíblia revela um Cristo amoroso, que nos formou e que guia pessoalmente nossa vida. NEle podemos estar seguros. Nosso futuro eterno está em Suas mãos. Ao tratar com pessoas secularizadas, mostremos a elas que não existe esperança sem Deus.

O Senhor deseja ganhar todos os perdidos. O poder do Espírito Santo é muito maior que todas as forças do inferno que possam opor-se ao evangelho da salvação. Cheio do Espírito Santo, empunhando as armas espirituais da oração, a Palavra, e o amor genuíno pelos perdidos, o remanescente da última geração presenciará um novo Pentecoste; e numa medida mais abundante. Milhares se converterão. A luz do evangelho iluminará os mais negros e obscuros rincões da Terra. Alguns dos corações mais duros do mundo, cederão ao evangelho. Milhares de vozes proclamarão o evangelho eterno. Através da página impressa, por meio do rádio e da televisão, a Palavra de Deus encherá a Terra. A Obra do Senhor triunfará de maneira gloriosa.

Que esse dia não demore.

Referências:

1. Jacques Monod, *Chance and Necessity*, Nova Iorque; Vintage Books, 1971. pág. 112.
2. Jean Paul Sartre, *Nausea*, Nova Iorque; New Directions, 1959, pag. 126.
3. *A Summary of Qualitative Research of the Unchurched*, Nova Iorque; Religion in American Life, Inc.
4. Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, São Paulo; Casa Publicadora Brasileira, 1990, pág. 143.

O Senhor continua na direção

GEORGE R. KNIGHT

*Professor de História Denominacional
na Andrews University*

O ano de 1994 assinalou o sesquicentenário do desapontamento adventista, em 22 de outubro de 1844. Naquela data, os mileritas aguardavam o retorno de Cristo à Terra. Mas, subitamente suas esperanças se desfizeram; a certeza foi substituída por desorientação. No dia seguinte, os desapontados mileritas encontraram-se em meio de uma repentina e inesperada crise de identidade, cuja busca perdurou pelos meses e anos subseqüentes. Quem eram eles afinal? O que significava ser um adventista?

As respostas para essas perguntas não eram óbvias àquela época. Mas o estudo da Bíblia e intensa pesquisa continuavam ocupando grande parte do tempo.

As denominações adventistas

Entre 1844 e 1848, três grandes ramos surgiram do adventismo pós-milerita. O primeiro era o ramo dos “espirituais”. Esse grupo tinha uma interpretação particular das Escrituras e espiritualizavam o significado de cada palavra literal. Proclamavam que Cristo retornara, de fato, em 22 de outubro. Ele viera em seu coração. Este era o significado da segunda vinda. Esse grupo gerou grande soma de fanatismo.

O segundo grupo era chamado “Adventistas de Albany”, em virtude dos ramos congregacionais organizados em Albany, Nova Iorque, em maio de 1845. Seu objetivo era distanciar-se dos fanáticos existentes entre os espirituais. Continuavam aceitando a purificação do santuário como sendo a segunda vinda de Cristo, e marcaram novas datas para esse acontecimento, várias vezes. Os intelectuais do grupo eventualmente sucumbiam a alguma firme crença no esquema profético de Miller. Josué Himes e Josias Litch tornaram-se para esse movimento, bem como o próprio Guilherme Miller,

que aí permaneceu até morrer em 1849.

Um terceiro grupo concluiu que os mileritas estavam corretos quanto ao final dos 2300 anos de Daniel 8:14, e que alguma coisa importante acontecera em 22 de outubro de 1844, mas não era a segunda vinda. O que de fato ocorrera foi o início da purificação do Santuário Celestial. Esse grupo desenvolveu algumas doutrinas chaves, incluindo a crença num próximo advento de Jesus nas nuvens do Céu, a santificação do sétimo dia da semana como o Sábado do Senhor, as duas fases do ministério de Cristo no Santuário Celestial, a natureza condicional da imortalidade humana e a perpetuidade dos dons espirituais, incluindo o dom de profecia.

Esses “adventistas sabbatistas” viam-se como os únicos herdeiros do adventismo milerita, pois, ao contrário dos espirituais, seus defensores continuavam propagando um advento literal, e, contrariando a posição dos Adventistas de Albany, continuavam aceitando os princípios de interpretação profética esposados por Miller. Os principais líderes dos sabbatistas foram José Bates, Tiago e Ellen White.

Entre 1844 e 1866, seis denominações resultaram dos três ramos do milerismo. O grupo Adventistas de Albany gerou quatro dessas denominações – a Associação Evangélica Americana, em 1858; os Cristãos do Advento, em 1860; a Igreja de Deus, de Oregon, Illinois, nos anos 1850; e a União Vida e Advento, em 1863. O movimento sabbatista derivou duas denominações: Adventistas do Sétimo Dia, entre 1861 e 1863; e Igreja de Deus do Sétimo Dia, em 1866. Com suas diferenças, individualidade, e falta de organização, o braço espiritualista do adventismo não formou nenhum corpo permanente. Alguns de seus membros gravitaram por outros “ismos”, grupos adventistas



mais estáveis, ou foram absorvidos de novo pela cultura liberal.

Nova roupagem

Embora os números estatísticos não sejam perfeitos, parece seguro aceitar que os Adventistas Evangélicos e os Cristãos do Advento eram os mais numerosos no início dos anos 1860, com os últimos superando os primeiros. Uma razão aparente para esse significativo sucesso era que eles possuíam doutrinas únicas que lhes davam sustentação. As crenças sobre condicionalismo e aniquilamento formaram sua identidade. Tais ensinamentos gradualmente até mesmo suplantaram a ênfase no advento.

Por outro lado, os Evangélicos tinham apenas a crença no advento pré-milenial a separá-los das outras denominações cristãs. Quando uma significativa porção do protestantismo conservador também adotou formas de pré-milenialismo, décadas após a Guerra Civil, o adventismo evangélico tinha

pouca razão para continuar existindo separadamente. No início do século vinte, ele desapareceu do cenário.

Não era fácil estabelecer um processo estatístico entre os grupos adventistas, nos primeiros anos. Alguns se referiam a isso como uma errônea prática de “contar Israel”. Outros, embora relutantes, provaram ser uma prática útil. Mas as divisões e mútuas suspeitas entre aqueles grupos dificultavam qualquer tarefa.

O primeiro censo adventista foi publicado por D. Y. Taylor em 1860. Ele enumerou 584 ministros, com 365 crendo no condicionalismo e aniquilamento, 67 crendo na imortalidade da alma, nove indecisos, e 143 que nada declararam. A respeito do dia de repouso, 365 aceitavam o sábado, 57 mencionaram o “sétimo dia”, e 162 não opinaram. Taylor estima que havia 54 mil leigos, mas não fez nenhuma abordagem com respeito ao que criam. Entretanto, outras fontes indicam que algo mais que três mil eram sabatistas. Assim, por volta de 1860, os guardadores do sé-

timo dia representavam pouco mais que 10% dos adventistas. O restante era composto, presumivelmente, por guardadores do domingo.

O censo de Taylor também reuniu estimativas sobre listas de assinantes de várias publicações adventistas. A revista *World's Crisis*, dos Cristãos do Advento contava com 2.900 assinantes. Em seguida, vinham a *Review and Herald*, dos sabatistas, com 2.300; e a *Advent Herald*, dos Evangélicos, com 2.100 assinantes. Taylor mencionou que os promotores da *Review and Herald* “embora fossem uma minoria distinta, eram muito dedicados, zelosos e ativos em promulgar sua visão peculiar a respeito do domingo e do sábado”. O resultado disso seria visto em décadas posteriores.

O censo governamental dos Estados Unidos, em 1890, não somente apresentou um quadro mais acurado da membresia adven-

tista, mas também revelou mudanças radicais em relação ao tamanho de várias denominações adventistas. A essa altura a Igreja Adventista do Sétimo Dia já alcançara certa predominância, com 28.991 membros nos Estados Unidos. Os Cristãos do Advento

estavam próximos, com 25.816. A Igreja de Deus, de Oregon, Illinois, contava com 2.872, os Evangélicos, 1.147, a União Vida e Advento, com 1.018, e a Igreja de Deus do Sétimo Dia, com 647.

Um século depois, apenas quatro das seis denominações adventistas ainda existiam. Em 1990, os adventistas do sétimo dia relataram 717.446 membros nos Estados Unidos. Os Cristãos do Advento possuíam 27.590, a Igreja de Deus, de Oregon, 5.688, e a Igreja de Deus do Sétimo Dia, 5.749.

Conforme já foi dito, a outrora forte denominação Adventista Evangélica foi a primeira a desaparecer, logo no início do Século XX. A União Vida e Advento foi a próxima a perder sua identidade separada. Em 1958, essa facção possuía apenas 340 membros. Seis anos mais tarde, fundiu-se com os Cristãos do Advento.

Assim, por volta do início dos anos 90, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, com mais de 700 mil membros nos Estados Unidos e mais de sete milhões em todo o mundo, dominava o *ranking* dos grupos religiosos her-

deiros do milerismo. Como dissera Clyde Hewitt, um historiador cristão do advento, “a menor das ramificações mileritas acabou tornando-se a maior”.

Razões do sucesso

Neste ponto destas considerações, alguém pode ser confrontado com uma importante questão: Por que o diminuto movimento sabbatista, com suas doutrinas impopulares, não apenas sobreviveu, mas prosperou? Pode-se especular muito em busca de respostas para essa pergunta, mas existem muitas hipóteses respeitáveis que podem ser argumentadas. Antes de explorar tais hipóteses, é interessante notar que intimamente relacionada ao por que do sucesso adventista do sétimo dia, há uma outra questão, que é o por que do sucesso milerita. Eu diria que o sucesso dos dois movimentos tem a mesma explicação.

Antes de continuar com minha análise, deveríamos atentar para o que outros dizem a respeito desse assunto. Três opiniões insuspeitas são apresentadas por David L. Rowe, Michael Barkun e Ruth Alden Doan –

eruditos não adventistas que têm estudado intensamente o milerismo.

Rowe mencina que embora muitos “profetas” tenham aparecido na história americana, predizendo o fim do mundo, nenhum conseguiu tantos seguidores quanto Miller. Ele explica o sucesso em termos de reavivamento, escatologia e piedade, forças presentes no movimento milerita. Rowe argumenta que enquanto o despertamento providenciou o método para disseminação do milerismo, a escatologia alimentou a idéia ou o sonho de um futuro reino, que deu direção ao movimento; e a piedade forneceu a dose de fé suficiente para habilitar indivíduos a responder ao reavivamento e aceitar a visão de um novo mundo porvir. Essas três forças operaram juntas, desenvolvendo uma dinâmica que impulsionou o milerismo.

Barkun chama a atenção para fatores ambientais como responsáveis pelo sucesso não só do milerismo, mas também de outros movimentos escatológicos, e utópicos, na mesma época. Nesse caso, calamidades naturais e crises sócio-econômicas (como a de 1837)

As forças do reavivamento, escatologia e piedade foram fundamentais no avanço do movimento milerita.

criaram um clima no qual as pessoas buscavam soluções para seu estresse individual e coletivo. Nesse contexto, a mensagem de Guilherme Miller suplantou a esperança em um mundo no qual os esforços humanos falharam em conquistar os resultados esperados. Ao anunciar que as coisas iriam de mal a pior, em termos humanos, apresentava a única solução possível – a escatológica.

Em apoio ao ponto de vista de Barkun, está o fato de que grupos escatológicos crescem em tempos de crise. O adventismo do sétimo dia e o evangelismo dispensacionista tiveram dias de muito sucesso durante a Primeira Guerra Mundial. Barkun nota ainda que reavivamentos escatológicos aconteceram não apenas durante a depressão econômica dos anos 1840, mas também durante as crises de 1890 e 1930.

Na visão de Doan, um fator explicativo do êxito milerita é sua ortodoxia – sua harmonia com outras forças religiosas do dia, em termos de doutrina, liderança leiga na compreensão da Bíblia, e assim por diante. Uma heresia do milerismo era sua crença no advento pré-milenial. Mas a ortodoxia do movimento contribuiu para que o povo tivesse contato com sua única mensagem diferente. A posição de Doan, partilhada por muitos eruditos não adventistas, é o reverso da visão inicial que tratava o milerismo como algo estranho, senão sobrenatural, e fora de sintonia com sua cultura.

É interessante notar que as várias sugestões para o sucesso do milerismo não são mutuamente exclusivas. Cada uma delas parece alimentar uma porção da explanação implícita desse sucesso, e, por extensão, o sucesso dos adventistas sabatistas. Embora respondam apenas em parte à nossa questão.

As sugestões que aparecem no restante deste artigo não devem ser vistas como estando em desarmonia com aquelas apresentadas por Rowe, Barkun, Doan, e outros, mas como complementando-as. Ao passo que tais sugestões tendem a focalizar sobre aspectos externos ao movimento milerita, as desenvolvidas neste artigo levam em conta mais cuidadosamente os fatores internos que conduziram ao sucesso o milerismo antes de 1845, e o adventismo sabatista pós 1844. Fatores sociais e contextuais são importantes, e muito provavelmente essenciais, para o sucesso de qualquer movimento religioso, mas não são bastantes por si mesmos. Fatores externos não são o movimento, mas o

solo onde é plantada a semente do seu êxito e crescimento. O sucesso dos movimentos milerita e adventista deveu-se tanto a razões internas como externas.

A seguir, examinaremos quatro fatores internos que parecem ter contribuído para esse sucesso.

Visão da verdade

Os movimentos apocalípticos frequentemente atraem dois tipos de personalidade. De um lado, está o racionalismo que desempacota as profecias bíblicas e desenvolve o diagrama de eventos apocalípticos. Do outro lado, encontram-se os tipos emocionais que gravitam em direção ao excitamento da expectativa apocalíptica e não raro movem-se para o extremismo irracional.

O milerismo reúne os dois tipos. Embora ele tenha sido fundado sobre o frio racionalismo de Guilherme Miller, também abrigava fanáticos como Starkweather, R. C. Gorgas, com seus seguidores; além dos espirituais. Um movimento se desintegra quando as forças racionais não são suficientemente fortes para estancar as forças centrifugas do irracionalismo ou emocionalismo. Foi aí que o braço espiritualista do adventismo tomou-se nada. Seu irracionalismo superou o racionalismo até o fim, impossibilitando o controle de sua estrutura doutrinária.

Um dos pontos fortes do milerismo foi o desenvolvimento racional de sua doutrina central. Esse elemento atraíu crentes à sua causa através da lógica. É verdade que ele também deu lugar ao emocionalismo religioso, mas isso aconteceu dentro dos limites do racionalismo. Tal combinação deu vida e estabilidade ao movimento e elevou seu apelo.

O adventismo do sétimo dia tem compartilhado muito desse equilíbrio, embora pareça, às vezes, desviar-se para o mero nível racional. Tanto a descendência do milerismo como a do sabatismo têm, de fato, seus elementos excitáveis; mas a estabilidade do seu êxito pode ser atribuída em grande parte à sua habilidade para apelar ao elemento racional do povo. É assim que eles têm convertido pessoas para “a verdade”.

O conteúdo da verdade

Um segundo elemento responsável pelo êxito do milerismo e do adventismo do sétimo dia, é o conteúdo ou fator doutrinário

em sua visão da verdade. O milerismo tinha o que considerava ser uma importante verdade bíblica para oferecer às pessoas. Essa verdade era o retorno pré-milenial de Cristo. Mostrando-se como algo distintivo de outros grupos religiosos, o movimento tinha uma mensagem especial para pregar. E muitos responderam a essa mensagem.

Como já foi mencionado, uma razão pela qual o adventismo evangélico morreu foi que ele perdeu sua identidade doutrinária, uma vez que uma significativa porção do protestantismo americano aceitou o pré-milenialismo. Já os cristãos do advento adotaram o condicionalismo com sua doutrina distintiva e, assim, mantiveram pelo menos uma razão para continuar existindo como um grupo separado do evangelicalismo de então.

Por sua vez, os adventistas do sétimo dia desenvolveram um conjunto de crenças incomuns, e viam como sua especial missão partilhá-las com o mundo. Há uma dinâmica nos movimentos religiosos que é vitalizada por diferenças e mesmo oposição. Ser diferente parece dar significado a indivíduos e grupos sociais, pois gera compromisso com uma causa, especialmente quando isso faz alguma ligação com alguém de uma subcultura religiosa.

No caso do milerismo essa ligação dinâmica foi vista quando o povo “saiu de Babilônia”, aceitando a crença pré-milenista. Outro exemplo é a disposição que tem um adventista do sétimo dia para guardar o sábado, numa cultura que o vê como dia de trabalho.

Os adventistas do sétimo dia estabeleceram muitas doutrinas e um estilo de vida específicos que têm produzido esse resultado. Hewitt, buscando explicar o crescimento do adventismo do sétimo dia, em contraste com a queda da comunidade Cristãos do Advento, nota que “as crenças distintivas e práticas da denominação, embora suscitem uma visão suspeita por parte de muitos cristãos tradicionais, aparentemente têm dado aos membros fiéis uma tal firmeza de caráter, que explica o seu êxito”. Dean Kelley ilumina essa dinâmica ao mencionar que se as pessoas estão procurando unir-se a uma Igreja, elas querem uma que represente uma

alternativa à cultura dominante. Por outro lado, o adventismo do sétimo dia é bastante fechado em muitas doutrinas, consideradas fundamentais, para conseguir audiência entre outros cristãos.

Estrutura organizacional

Um terceiro elemento do êxito adventista foi uma estrutura organizacional suficiente para continuar a missão e enfrentar os desafios de sua mensagem distinta. À primeira vista, pareceria que o sucesso do milerismo e do adventismo se alteraria nesse ponto. E num certo sentido isso aconteceu. Mas a variável parece estar relacionada ao tempo e não à organização. O milerismo, em virtude de sua breve existência,

tinha suficiente organização, através de suas associações e seus periódicos, para dirigir sua missão durante os poucos e intensos anos. Mas um modelo organizacional nebuloso não seria suficiente para dirigir a missão do movimento por um período mais extenso.

Foi a falta de uma organização sólida que causou o fim dos espirituais e impediu o crescimento de outras duas denominações adventistas (Igreja de Deus, de Oregon, e do Sétimo Dia). Sem organização, eles não poderiam direcionar recursos para a missão ou manutenção da unidade. Um custoso cisma foi o resultado.

É nesse ponto que os caminhos dos cristãos do advento e dos adventistas do sétimo dia se bifurcam. A Igreja Adventista do Sétimo Dia foi a única das ramificações adventistas a reconhecer a autoridade de algum nível eclesástico acima da congregação local. Hewitt, lamentando a situação dos Cristãos do Advento, indica que a perda de uma “forte organização centralizada” é uma razão que “impediu a conquista da expansão” em seu trabalho. A organização centralizada que eles tiveram, diz Hewitt, veio muito tarde e representou uma estrutura sem poder significativo. Como resultado disso, o movimento foi incapaz de mobilizar seus membros para uma ação unida. Caso ocorresse o contrário,

Um modelo organizacional nebuloso não é suficiente para dirigir a missão de um movimento por um período extenso.

ele falou em 1990, o movimento seria “uma denominação crescente e não moribunda”.

Dois recentes estudos sobre a estrutura organizacional adventista do sétimo dia indica que ela foi conscienciosamente designada com uma missão em mente, tanto no período 1861-1863, como 1901-1903. Na realidade, isso não significa ausência de problemas na estrutura. Pelo contrário, como veremos adiante, o adventismo do sétimo dia está enfrentando grandes problemas organizacionais nesta última década do século.

Consciência profética

O quarto e mais importante fator para a rápida disseminação do milerismo foi seu senso de missão profética e urgência, gerado pela compreensão da profecia. O milerismo foi um movimento dirigido com uma missão. Havia um sentido de responsabilidade pessoal, entre seus membros, para advertir o mundo do seu fim próximo. Tal sentimento impeliu a Guilherme Miller, Josué Himes e os demais no sentido de empregar tudo o que possuíam para proclamar ao mundo o juízo vindouro. Himes colocou isso muito belamente num editorial do primeiro número de *Midnight Cry*, ao escrever: “Nossa obra é algo de inalterável magnitude. É uma missão e uma empresa sem igual; em alguns aspectos, qualquer coisa que desperta as energias do homem. ... É um alarme, e um clamor, pronunciado por todos aqueles que, de todas as denominações protestantes, como atalaias levantam-se sobre os muros do mundo moral, crendo que a crise do mundo está vindo – e que, sob a influência de sua fé, unem-se proclamando ao mundo: ‘Aí vem o esposo! Saí a Seu encontro!’”

Esse sentido de urgência foi construído sobre a interpretação das profecias de Daniel e Apocalipse. Os mileritas criam de todo o coração que tinham uma mensagem que o povo **deveria** ouvir. Era essa crença, aliada a uma total dedicação, que os guiava em sua incansável missão.

Foi essa mesma visão, baseada nas mes-

mas profecias, que proveu a mola mestra da missão adventista do sétimo dia. Desde o início, os sabatistas nunca se consideraram simplesmente uma outra denominação. Pelo contrário, eles compreendiam seu movimento e mensagem como cumprimento de uma profecia. Viam-se como um povo profético.

Tal compreensão brotara da convicção de que eles eram os genuínos herdeiros do milerismo, particularmente a continuação da interpretação profética de Miller. Segundo a perspectiva dos primeiros sabatistas, os outros grupos adventistas tinham perdido seu rumo e eventualmente sua missão, por causa da negação dos princípios de interpretação profética utilizados por Guilherme Miller.

Essa negação tomou duas direções diferentes. Uma foi a rejeição da interpretação literal de passagens da Escritura que pareciam ser completamente literais. Assim a crença de que Jesus já voltara solapou a força missiológica dos espiritualistas. Se Cristo já viera, qual a razão para a missão?

Enquanto isso, os Adventistas de Albany rejeitaram o estímulo missionário que convencera e fortalecera o milerismo, quando eles igualmente rejeitaram os princípios de interpretação profética esposados por Miller, através da negação dos grandes tempos proféticos de Daniel e Apocalipse. Sem a certeza da fluência da história profética, eles perderam o senso de convicção e urgência. Fi-

nalmente encontraram significado para sua existência, como um movimento, em outras doutrinas, tais como o condicionalismo e o aniquilamento dos maus. Isso deve ter sido bom o bastante para uma curta existência denominacional, mas os grupos de Albany abandonaram a mola mestra que im-

pulsionara agressivamente a missão milerita.

Os sabatistas fundamentaram seu movimento sobre essa mesma mola mestra. Eles não apenas mantiveram a interpretação do diagrama profético de Miller, mas estenderam-no de tal maneira que encontraram significado para seu desapontamento e para o tempo restante, antes do advento de Cristo. Nesse ponto, desempenharam um papel central a obra de Cristo no Juízo Pré-Advento,

Os mileritas
criam firmemente
que possuíam uma
mensagem que o
povo deveria
ouvir.

na purificação do Santuário Celestial; e a natureza progressiva das três mensagens angélicas de Apocalipse 14.

Essas duas extensões proféticas deram aos sabatistas o mesmo senso de urgência que inspirara os mileritas nos anos 1840. Ao tempo em que viam a Miller e Carlos Fitch, respectivamente, como os iniciadores da primeira e da segunda mensagem angélica, viam seu movimento com sua ênfase nos mandamentos de Deus, como dando início à terceira mensagem. Dessa forma, eles criam, a questão da guarda do Sábado deveria ser um ponto focal no grande conflito entre o bem e o mal, antes da Segunda Vinda de Cristo.

Movimento final

Essa interpretação foi reforçada pela visão do conflito final envolvendo os mandamentos de Deus, conforme Apocalipse 12:17 e a completa exposição desse verso em Apocalipse 13 e 14. Como resultado, os sabatistas convenceram-se de que eles eram não apenas os herdeiros do milerismo, mas seu movimento fora suscitado por Deus para pregar as três mensagens angélicas a todo o mundo, imediatamente antes da grande ceifa predita em Apocalipse 14.

Tal compreensão fez pelos sabatistas o mesmo que fez pelos mileritas. Impulsionou-os à missão. Nos anos 90, a convicção de que este é um movimento profético tem resultado em um dos mais abrangentes programas missionários na história do Cristianismo. Nesses anos eles têm estabelecido a Obra em 182 dos 210 países reconhecidos pelas Nações Unidas.

Isso não aconteceu por acidente; foi resultado direto da convicção de sua responsabilidade profética. Foram decisivos para essa convicção, o imperativo do primeiro anjo de Apocalipse 14:6, de pregar “a cada nação, e tribo, e língua e povo”, e o mandamento de Apocalipse 10:11 – “importa que profetizes diante de muitos povos, e nações, e línguas, e reis”.

Clyde Hewitt, buscando explicar o suces-

so dos adventistas, em oposição aos atritos enfrentados pelos cristãos do advento, toca num ponto essencial quando nota que “os adventistas do sétimo dia estão convencidos de que eles têm sido divinamente ordenados

para continuar a obra profética iniciada por Guilherme Miller. Eles estão dedicados a essa tarefa”.

Em contraste a isso, o pai de Hewitt escreveu a Francis D. Nichol, em 1944, que os cristãos do advento tinham abandonado a interpretação milerita de Daniel 8:14 e não havia entre eles ne-

nhuma unanimidade quanto ao significado do texto. Outro erudito da mesma ramificação, entrevistado em 1984, afirmou que sua denominação não tinha qualquer concordância na interpretação do milênio. Quando os Adventistas de Albany deixaram a plataforma profética de Miller, eles começaram um processo de deterioração em sua compreensão anterior do fim do mundo. Mas os adventistas do sétimo dia apontam o que Ellen White predisse em dezembro de 1844, que aqueles que rejeitam outubro de 1844 como o cumprimento de uma profecia podem ser achados em “perfeita escuridão”, e tropeçar em sua experiência.

É preciso entender, no entanto, que a simples convicção de ser portador de uma “doutrina correta” não é uma explicação suficiente para a expansão do adventismo. Os batistas do sétimo dia também pregaram a guarda do sábado com convicção, mas seus 5.200 membros nos Estados Unidos, em 1990, representam menos do que possuíam nos anos 1840. Como disse um pregador da denominação no Século XIX, eles são hábeis para “convencer o povo da legalidade do sétimo dia, mas não podem conduzir a uma mudança como fazem os adventistas”.

Semelhantemente, muitos dos grupos adventistas, alheios à guarda do sábado, pregaram o que eles criam ser a verdade do retorno pré-milenista de Cristo, mas sem os mesmos resultados verificados entre os adventistas do sétimo dia. Hewitt assinala que os “cristãos do advento não têm sido uma igreja evangelística” e não causam muito impacto no mundo. O resultado, segundo ele, tem

A convicção de ser um movimento profético lançou o adventismo à missão.

sido mínimo. Não apenas em números, mas “em sonhos, em visão”. Hewitt também indica que a pequenez do grupo Cristãos do Advento não pode ser atribuída à existência de doutrinas impopulares. Ele argumenta que os adventistas do sétimo dia possuem uma lista de doutrinas impopulares, “incluindo algumas dos cristãos do advento, e outras mais”. Finalmente Hewitt diz estar convicto de que a razão do sucesso adventista é o sentido de missão profética na tradição de Guilherme Miller.

Missão profética

As conclusões de Hewitt ajudam-nos a compreender a expansão do adventismo. Seu ponto de apoio parece ter sido muito mais que o fato de que os sabatistas crêem que possuem a “verdade” sobre o sábado e a “verdade” da segunda vinda. A força motriz do adventismo do sétimo dia foi a firme convicção de que eles eram um povo profético, com uma única mensagem concernente à volta de Cristo para um mundo turbado. Essa compreensão profética de sua missão, integrada com suas doutrinas, na estrutura das três mensagens angélicas, deu aos sabatistas o poder motivador do sacrifício para disseminar a mensagem por toda parte. Foi essa mesma dinâmica que operou no milerismo. Desafortunadamente, para o adventismo, essa visão parece estar em perigo nos anos 90.

Vida ou morte

As denominações adventistas que saíram do milerismo correm perigo de morte. Essa é a inferência de Richard C. Nickels, ao escrever, em 1973, a história da Igreja de Deus do Sétimo Dia. Suas últimas palavras foram as de Cristo, dirigidas à igreja de Sardes: “... tens nome de que vives, e estás morto”.

Semelhantemente, a parte final dos três volumes nos quais Hewitt descreve a história dos Cristãos do Advento, publicados em 1990, contém uma análise imparcial da situação da denominação.

Onde está o fervor milenial que gerou essas denominações? Que dizer sobre as outras denominações pós-mileritas? Estão elas também em perigo de perder sua visão? Particularmente, que dizer da força dos irmãos mileritas – os sabatistas?

A princípio, poderia parecer que o rápido crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia elimina as preocupações. Em maio de 1994 a denominação aproximou-se dos oito milhões de membros no mundo. Estimativas para o ano 2000 projetam um total de 12 milhões.

Todavia, nem tudo está bem. Está difícil para os setores antigos da denominação manter sua identidade adventista. E não é fácil conservar acesa a chama da excitação pela volta de Cristo, por 150 anos. Os sabatistas enfrentam todos os problemas de uma denominação antiga, que abateram outros movimentos religiosos anteriores. Frequentemente o mundo testemunha o fortalecimento de movimentos religiosos reformadores que depois, com o tempo, perdem sua vitalidade.

Mas além da questão do tempo, alguns setores do adventismo nos anos 90 (particularmente na América do Norte, Europa e Austrália) parecem estar confrontados com as ameaças que desgastaram outros corpos adventistas. Assim, em sua busca de significado, em face da aparente demora do fim do mundo, alguns crentes são tentados a espiritualizar a natureza do advento de Cristo. Mas a perda da fé num atual advento histórico é a perda de fé no próprio adventismo.

Alternadamente, as riquezas têm causado seu impacto na crença de alguns membros sobre a esperança do advento. A ética protestante, segundo a qual deve-se trabalhar duro e poupar, tem levado muitos adventistas do sétimo dia a lutar por estabelecer seu reino terrestre, sentindo pouca necessidade de um reino porvir. É mais fácil para tais pessoas estar mais à vontade com a cultura dominante que com suas raízes sectárias. Muitos, em tais circunstâncias acham mais fácil romper com as doutrinas distintivas da denominação. Mas essa foi a dinâmica que levou ao fim o adventismo evangélico.

No extremo oposto do espectro denominacional estão aqueles que, em sua reação aos “menos adventistas” são tentados a seguir os extremos do pós-1844. Alguns nesse setor da denominação também são propensos ao sensacionalismo sectário.

O desafio enfrentado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia é manter um saudável equilíbrio que busque enaltecer, ao mesmo tempo, as doutrinas distintivas e aquelas mantidas em comum com outros cristãos. Tanto a acomodação à cultura prevalecente quanto a

segregação num gueto sectário, soam como o toque de finados de sua vibração.

Uma terceira luta travada pelo adventismo encontra-se no âmbito da organização. Curiosamente a saúde denominacional é ameaçada por uma coisa boa. Aproximadamente há um século, a Igreja Adventista adotou uma estrutura administrativa que se encaixou bem na expansão missionária daquele tempo. Mas, décadas de crescimento e mudanças criaram uma burocracia que é extremamente cara, e parece estar sendo progressivamente disfuncional para favorecer a missão da Igreja de maneira mais eficiente.

Os esforços feitos desde o início dos anos 90, no sentido de reformar o sistema, têm produzido resultados mínimos. Poucos na estrutura do poder da denominação são capazes de pensar profundamente na necessidade de sólidas mudanças organizacionais, num século caracterizado por tantas mudanças internas e

externas. Poucos parecem capazes de captar a visão de um possível novo modelo estrutural para a missão no Século XXI.

No outro extremo, estão largos segmentos de adventistas que estão cansados de pagar o custo da máquina administrativa. Esses membros vêem o futuro da denominação em termos congregacionais. Essa rota, de fato, foi seguida por todos os ramos do adventismo milerita, exceto pelos sabatistas. Para eles, o congregacionalismo resulta em denominações incapazes de manter sua identidade, bem como para reunir recursos para estender eficientemente sua missão.

Assim, parece que o adventismo do sétimo dia enfrenta, por um lado o crescente ônus de uma superestrutura que pode eventualmente esmagar o próprio movimento. Por outro lado, enfrenta a ameaça real de congregacionalismo. O sucesso parece residir na tomada de compromissos e nas mudanças estruturais que precisam ser feitas, se ele deseja continuar sendo um movimento internacional viável, capaz de operar de modo eficiente em direção ao cumprimento de sua missão distinta.

Claramente relacionado com o dilema organizacional, está a inclinação para o supe-

rinstitucionalismo. Há uma tendência para que a expansão de instituições educacionais, médicas, de publicações, e até mesmo Associações, seja um fim em si mesma, em lugar de meio, para cumprir o objetivo de proclamar a mensagem “a cada nação, e tribo, e língua e povo”. Existe o perigo da denominação promover sua imagem pelas instituições, ao invés de pela missão.

Foi esse o ponto para o qual Josué Himes chamou a atenção dos adventistas em 1845. Numa carta a Ellen White ele escreveu: “Você tem muitas e boas coisas relacionadas com reforma de saúde e igrejas, com o crescimento da prosperidade, e colégios; e eu vejo que há uma obra a ser feita em todos esses setores durante um longo tempo no futuro... Há uma grande obra sendo feita para enviar a terceira mensagem angélica a cada lugar – mas todas as classes de adventistas estão prosperando em coisas terrenas, juntando riquezas, enquanto falam da vinda

de Cristo como estando às portas. É uma grande coisa ser consistente e verdadeiro com a mensagem do Advento.”

Com essas palavras Himes colocou seu dedo na tendência da secularização

individual e institucional, presente já naqueles dias. E ela não diminuiu nos últimos cem anos.

A tentação final, enfrentada pelo adventismo é ver-se a si mesmo como a Igreja da profecia e esquecer sua herança profética. É fácil acontecer isso, mas primeiro deveria morrer a dinâmica que fez do adventismo o que ele é hoje. Negar sua herança profética é uma maneira certa de matar seu “fervor milenial” e com isso destruir sua mola mestra missiológica.

É alinhados com esse pensamento que necessitamos compreender uma das mais significativas declarações de Ellen White: “Revendo nossa história passada, tendo acompanhado cada passo até o nosso estado atual, posso dizer: Graças a Deus! Vejo o que o Senhor tem feito e encho-me de admiração, e de confiança em Cristo como líder. Nada temos a temer quanto ao futuro, a menos que nos esqueçamos a maneira maravilhosa como o Senhor nos tem guiado no passado.”

A saúde denominacional adventista é ameaçada pelo perigo de superinstitucionalismo.

A evangelização e a volta de Jesus

LUIZ NUNES

Diretor do Salt-Iaene, em Cachoeira, BA.

No dia 5 de setembro de 1994, representantes de 180 países se encontraram no Cairo, Egito, para discutir um dos maiores problemas enfrentados pela sociedade hoje: crescimento populacional e os limites dos recursos naturais. Jornais, revistas e noticiários de televisão dedicaram generosos espaços à Conferência Internacional da População e Desenvolvimento, que ocorre a cada dez anos.

Na realidade, a Terra vive hoje uma difícil situação. Sua população cresce quase 274 mil habitantes por dia, chegando a acrescentar 100 milhões por ano. Segundo o Banco Mundial, em seu relatório oficial de 1993, o número de pessoas atingirá a marca de 6,2 milhões no ano 2000. E como a população continuará crescendo nos trinta anos seguintes, a cifra chegará a 8,7 milhões. A taxa de crescimento populacional na década de 80 foi de 1,7%, e será de 1,2% nos próximos anos. O índice, embora baixo, não é animador; pois o que interessa é o número absoluto de habitantes, a quem precisa ser oferecido um modo de vida digno.

O mais importante é que com a menor renda *per capita* da população mundial (350 dólares por ano), vivem 3.127 milhões de criaturas. Numa situação não tão ruim estão aqueles cuja renda anual é de 2.480 dólares. Estes também miseráveis somam 1.401 milhões de habitantes. Os restantes 800 milhões, que vivem nos países do hemisfério norte, têm uma renda de 20.570 dólares por pessoa. Isto significa que 15% da população controla 79% da renda mundial.

Desafio para a missão

Com essa angustiante situação, o mundo se torna palco de uma grande guerra de argumentos entre dois titãs: a Organização das Nações Unidas, ONU, e a Igreja Católica. A batalha foi travada em torno de um in-

teresse comum, ou seja, a preponderância, ou não, do controle de natalidade a fim de se obter uma melhor distribuição de renda.

A situação é tanto alarmante quanto alvissareira, porque a qualidade de vida do planeta, estando no limite máximo de sua precariedade, é, concomitantemente, um anúncio da brevidade da volta do Senhor. No entanto, impõe-se uma questão: Até onde o nosso conceito de brevidade do retorno de Cristo é consciente e procedente?

O Dr. Gottfried Oosterwal, num artigo publicado pela revista *Ministry*/dezembro de 1986, intitulado "É a missão possível ainda", declara que 3/5 da população mundial (cerca de três bilhões) desconhecem o poder e as promessas do nosso Senhor Jesus Cristo. E que aproximadamente quatro bilhões nunca ouviram com clareza as três mensagens angélicas. Estes constituem os não alcançados, o alvo da missão dos adventistas do sétimo dia. Não podemos esquecer que existem no mundo mais de dez mil grupos étnicos não alcançados e seis mil línguas ágrafas, sem um versículo bíblico sequer em seu idioma.

De acordo com o Relatório Estatístico Anual da Associação Geral, de 1992, nós batizamos nesse ano, como Igreja mundial, 626 mil pessoas. Considerando-se que para cada pessoa batizada evangelizamos dez, isto nos leva a dizer que trabalhamos com 6,2 milhões de pessoas, dentro de uma visão muito otimista. Ora, como foi dito anteriormente, no mesmo período nasceram 100 milhões de indivíduos. Logo, o número de pessoas a serem evangelizadas aumenta a cada ano, numa proporção preocupante. Trata-se de 94 milhões de indivíduos, população esta maior do que qualquer país da América Latina, exceto o Brasil, que a cada ano surge no mundo, e que não conhece a mensagem dos três anjos. Felizmente a nossa visão de missão, como Igreja, é inclusiva. Isto é, Deus está salvando pessoas através de outras

corporações religiosas. Contudo, não podemos esquecer nossa identidade missiológica. O mundo inteiro é nossa paróquia. Todos têm o direito de ouvir a mensagem adventista. Todos os quatro bilhões acrescidos a cada ano. Isto, de fato, é um desafio. Enfrentá-lo é nossa tarefa.

Urgência necessária

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, de um punhado de 3.500 membros em 1863, com 100% de americanos, tornou-se uma Igreja mundial, solidamente estabelecida em 208 dos 226 países. Ela é a mais ampla organização missionária protestante no mundo, com um crescimento líquido de 5% no ano de 1992. Isto nos é favorável em relação ao crescimento populacional de 1,2 a 1,7% ao ano. Em 1888, éramos 1 adventista para cada 58.000 habitantes. Hoje a proporção é aproximadamente de 1 adventista para 745 habitantes. Sem dúvida, esta tem sido a maravilhosa obra que o Senhor tem feito por nós. Há, ainda, milhares de incansáveis obreiros que estão sacrificando tudo para ver cumprida a missão. Por tudo isso devemos ser gratos a Deus. Entretanto, não podemos esquecer que, em 1888, tínhamos 1.500 milhões para evangelizar, e hoje temos que comunicar a mensagem a mais de quatro milhões de seres humanos, quase três vezes mais que em 1888.

É a mais desafiadora tarefa conferida ao ser humano. Ela não foi diminuída em relação aos primórdios da Igreja Adventista, mas aumentada. Além do mais, a declaração de Mateus 24:14 precisa ser cumprida: "E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo... então virá o fim."

Quanto tempo ainda precisamos para apresentar a tríplice mensagem angélica, se 150 anos de história nos deixam nesta situação missiológica? No ritmo em que estamos conduzindo a missão, quanto tempo ainda passaremos no mundo? Será que nosso grito de brevidade da volta de Cristo não passa de

um arroubo de sentimentos religiosos, carente de consistência missionária?

Missão Global

Bem, a Igreja, na última Assembléia da Associação Geral, em 1990, deu uma resposta a esse questionamento, lançando o Projeto Missão Global. O grande alvo é estabelecer uma congregação em cada um dos 1.800 grupos populacionais com um milhão de habitantes, onde não haja representatividade adventista, até o ano 2000. Isso significa que teremos 18 novas igrejas no Afeganistão, 12 na Síria e mais 192 na China. No Brasil a meta não é menos corajosa: estabelecer uma igreja organizada em regiões cuja população seja superior a cinco mil habitantes, e onde a média de adventistas em relação a não adventistas seja de um para quinhentos ou mais.

É imperioso não esquecermos que a Missão Global deve incluir as 200 tribos indígenas brasileiras que falam 115 línguas diferentes. Nossa missão não será maior do que o nosso interesse pelos povos indígenas de nossa pátria. No Brasil, 89% da população dizem professar a religião católica; e 55% dos municípios não possuem um adventista sequer. Nesses lugares não penetrados vi-

vem 83 milhões de brasileiros, perfazendo um índice de um adventista para 1.451 não adventistas. A região dita conquistada, onde residem 57 milhões, apresenta a proporção de um adventista para 178 não adventistas. É necessário priorizar a primeira sem que a segunda seja esquecida.

A esta altura, deveríamos perguntar-nos: alcançados esses alvos, até o ano 2000, estaria concluída a evangelização mundial e nacional? A resposta, lamentavelmente é "não". Citando um exemplo apenas, a cidade de Manaus onde existe um adventista para cada 20 habitantes não adventistas, não concluiu a missão. Anualmente são batizadas nessa cidade cerca de 2.600 pessoas, e, em seguida, a Igreja se lança de novo à tare-

O mundo inteiro
é nossa paróquia.
Todos têm o
direito de ouvir a
mensagem adventista.
Eis o desafio
que devemos
enfrentar.

fa missionária. Há ainda muito por ser feito na evangelização do mundo. Muito mais do que já foi feito até aqui. Nosso conceito de brevidade da volta de Cristo precisa ser avaliado à luz do nível de realização de missão.

Base missionária correta

Éa missão possível? A nossa abordagem tem dado ênfase aos aspectos antropológico e social, dever pessoal e programa de atividades. Essa ênfase, embora correta em si mesma, tem conduzido a uma distorção causada pela ausência da aproximação teológica e devocional da missão. A ênfase nos aspectos humanos da missão provê uma motivação passageira e superficial, e pode até ser negativa em alguns casos. Embora tenhamos feito um bom trabalho de conscientização missionária, ainda permanece um grande percentual de membros regulares sem nenhuma participação.

A motivação missionária da Igreja precisa estar fundamentada na mesma base em que Deus iniciou Seu projeto missionário, isto é, Seu amor pelo mundo. Precisamos orar a Deus no sentido de inspirar-nos um amor tal que nos conduza às pessoas, a fim de incluí-las no Seu reino.

A missão começa com Deus, que busca o homem perdido para conscientizá-lo de sua culpa, e apresentar-lhe a salvação. Conceitos como culpa, pecado e salvação precisam ser bem estabelecidos diante do homem. Isso parece tão óbvio, mas, no afã da busca da metodologia ou do programa missiológico, esquecemo-nos de que o poder convincente permanente do exercício da missão é o simples estudo da Bíblia, como bem disse o Dr. C. Timóteo Carriker, em seu livro *Missões e a Igreja Brasileira*.

No Antigo Testamento, Israel foi eleito como povo, não para ser a nação favorita de Deus, mas para ser pregador e exemplo, profeta e sacerdote para as nações. A bênção dada a Abraão e seu povo era para todos os povos. Com base na santidade da nação e bênçãos de Deus concedidas a ela, Israel deveria ser uma força centrípeta na execução da missão. A grandeza nacional, resultado das bênçãos do Senhor na vida do povo israelita, deveria atrair os povos do mundo inteiro a participar destas mesmas bênçãos (Deut. 28:1-3; Zac. 8:22 e 23).

O método da missão é que através das bênçãos concedidas a Israel, com base na

santidade fruto da relação do concerto com Seu povo, Deus atrairia as nações da Terra para reconhecê-lo como seu Deus e integrá-las na comunhão de Seu povo.

No Novo Testamento, novamente a origem e o padrão do exercício da missão encontram-se em Deus. A missão começa com Cristo, que não limita a atividade missionária apenas a uma verbalização da mensagem, antes a faz vir acompanhada de sinais, prodígios e maravilhas. Esse padrão é seguido no envio dos doze (Mat. 10:1, 7 e 8), dos setenta (Luc. 10:17 e 20) e dos 120 (Atos 1:8 e 15). Nós temos limitado a evangelização à verbalização. Isso não se deve ao fato de que os três grandes períodos de prodígios (tempo de Moisés, Elias e Igreja nascente) passaram. Antes, tal situação é consequência da nossa letargia espiritual, uma vez que Ellen White, num artigo publicado na *Review and Herald*, de 19/03/1895, deixou claro que a promessa da Chuva Serôdia não era para ser olhada como estando no futuro, porém era privilégio da Igreja tê-la no presente (*Evangelismo*, pág. 701). Logo, o argumento mais usado do Espírito de Profecia, de que não podemos evangelizar na atualidade como nos primórdios, devido à confusão com organizações religiosas que enfatizam o sobrenatural, é impróprio.

Missão contínua

A missão no Novo Testamento não cessa no ir e testemunhar, acrescentando novos membros à Igreja através do batismo. A meta evangelística somente será alcançada, de fato, quando o novo convertido for instruído na missão pela Igreja, quando ele esperar e receber a plenitude do Espírito para testemunhar, e assim, testemunhando, se tornar um cristão produtivo. A realização da tarefa evangelística só será possível quando nos dispormos a fazer face ao desafio espiritual: Cristo sendo o centro de nossa vida e da missão. Se estamos dispostos, como Igreja, a fazer grandes investimentos de tempo, dinheiro e pessoal para suprimos necessidades da Igreja, é alto tempo de separarmos tempo, dinheiro e pessoal com o objetivo de fazer acontecer, pela oração e comunhão, o indispensável para o gigantesco desafio da evangelização, que é o cumprimento da promessa de dotação especial do Espírito Santo, a Chuva Serôdia.

Então poderemos dizer conseqüentemente: Breve o Senhor virá.

Apascentar ainda é preciso

ZINALDO A. SANTOS

Editor da revista *Ministério*

Certo pastor acompanhava, como conselheiro, uma reunião da comissão do departamento J.A. de sua igreja. Discutia-se o programa de trabalho para o ano. Nele estava prevista a realização de uma semana de oração especial para a juventude. Foi então que o pastor sugeriu que convidassem um visitante para dirigir as palestras. Para sua surpresa, todos foram unânimes em descartar a idéia, escolhendo-o como pregador para a referida semana. Ele manteve a sugestão. Evidentemente, sabia e gostava de pregar, era apreciado pelo grupo, e nem de longe estava procurando eximir-se do dever. Apenas queria variar um pouco.

Em meio às argumentações apresentadas por ambas as partes, uma moça fulminou a resistência do líder com a seguinte explicação: "Pastor, nós o preferimos porque suas mensagens nos alimentam; como se o senhor adivinhasse exatamente o que necessitamos."

É claro que, ao pregar, aquele pastor não fazia nenhum exercício de adivinhação. Era um visitante que, em contato com o rebanho, descobria suas reais necessidades; e no sábado sabia perfeitamente o que iria falar, e em que direção.

Aí está uma questão fundamental. Que melhor maneira existe de um pastor conhecer o rebanho e suas necessidades, senão estando em contato com ele, através de um bem elaborado programa de visitação? Como bem o afirmou Roy Allan Anderson, "por todas as partes há lares despedaçados e corações feridos. E estes exigem o cuidado de um pastor. Ao mundo não falta luxo, mas falta amor. Pastores eloquentes, organizadores minuciosos, e ocupados executivos, todos eles têm seu lugar na igreja de Deus, mas o rebanho cresce na graça e na piedade sob o delicado toque do pastor. De

todos os títulos dados ao nosso Senhor, nenhum é mais belo do que 'O Bom Pastor'. Ele nunca falou de Si mesmo como sendo bispo, ou sacerdote, executivo ou pregador, mas sempre como pastor". (*O Pastor Evangelista*, pág. 481).

Dever prioritário

O que é lamentável, hoje, é a verificação de que a arte da visitação pastoral tornou-se uma prática esporádica; levada a efeito a depender das circunstâncias; e, em alguns casos, inexistente. Surgiu o chamado conceito administrativo, o conceito equivocado de "profissionalismo". Enquanto a ovelha se encontra balindo de dor, escorregando despenhadeiro abaixo, alimentando-se de ervas daninhas e bebendo água salobra; atropelada à beira da estrada, ou sendo devorada por lobos, o pastor se acha cuidando de construções, sentado atrás de uma montanha de papéis, ou elaborando gráficos.

O primeiro e mais importante lugar onde um pastor deve ser achado é junto ao rebanho. A primeira e mais importante função da qual um pastor deve se desincumbir é o cuidado do rebanho. Evidentemente, ele pode ser chamado a desempenhar outras funções na Igreja à qual serve. Nada, porém, é mais importante do que ser um pastor, no sentido mais profundo do termo. Todos os postos e funções na Igreja são passageiros e circunstanciais. Só a vocação pastoral permanece.

Visitação ontem e hoje

Jesus fazia questão de identificar-Se com as pessoas. Não Se distanciava delas, como faziam os sacerdotes de Seu tempo, perdidos em pormenores relativos ao funcionamento administrativo, fazendo pouco caso

da pessoa como indivíduo e filho de Deus. Onde o povo estava, aí também Se encontrava o Mestre, dando-lhes o amor e a segurança de que necessitavam.

Ao chamar Seus discípulos, enviou-os de dois em dois, visitando cada povoado e cada casa. Depois da ascensão de Cristo, já nos dias da igreja apostólica, a prática foi mantida (Atos 20:20, 21 e 27). O apóstolo Paulo apresentou as verdades divinas às pessoas que se encontravam nos lares, onde as mulheres realizavam suas tarefas cotidianas; nas sinagogas, onde liam os escritos sagrados; nos mercados, onde eram realizadas transações comerciais; enfim, nos lugares eram cometidos pecados e diante de templos pagãos. Ele falava ao povo onde este se encontrava.

As visitas pastorais dos primeiros tempos não eram regulamentadas por um sistema, ou norma definida. A Igreja, à medida que experimentava crescimento, desenvolvia seus procedimentos para dirigir a obra pessoal. Os dirigentes da Igreja primitiva, muitos dos quais visitavam os cristãos de casa em casa, e de negócio em negócio, acharam cada vez mais vantajoso estabelecer diferentes funções para dar ao povo o toque pessoal. Em alguns casos, esse toque surgiu mediante a linguagem simbólica empregada na liturgia. Na Igreja Romana, por exemplo, a confissão empregada procurava ajudar as pessoas a falar face a face, no que se esperava fosse uma relação pessoal, com um sacerdote e, ao mesmo tempo, com Deus.

Nos últimos anos do primeiro milênio, surgiram numerosas ordens de homens e mulheres que iam de casa em casa, visitando as pessoas e procurando inspirar-lhes alegria e ânimo, para ajudar os sofredores e apaziguar os intensos temores que atormentavam as consciências.

Também nos albos do movimento adventista, os crentes iam às casas e conversavam com os respectivos moradores, inspirando e estimulando-lhes o desejo de estudar as Escrituras, num esforço para descobrir a verdade. Os precursores desse movimento viajavam muitos quilômetros para levar o evangelho às pessoas em seus lares e nas

igrejas. A gloriosa e bendita esperança era difundida não somente por meio das publicações, mas também pelos chamados evangelistas pessoais. Homens e mulheres, na última parte do século XIX, e especialmente

na primeira parte do século XX, iam de casa em casa, apresentando e vendendo literatura.

Nos escritos de Ellen White, faz-se continuamente alusão às necessidades dos membros da Igreja, e somos admoestados a buscar o pecador onde está, levando o conforto e a salvação à

alma necessitada: “Desejo dizer a meus irmãos do ministério: aproximai-vos do povo onde ele se acha, mediante o trabalho pessoal. Relacionai-vos com ele. Essa é uma obra que não se pode fazer por procuração. Dinheiro emprestado ou dado não a pode realizar. Sermões, do púlpito, não podem efetuar... Sendo omitida, a pregação será, em grande parte, um fracasso.” (*Obreiros Evangélicos*, pág. 188).

Noutro lugar ela afirma: “devemos abraçar toda oportunidade de fazer trabalho pessoal... Esta parte do trabalho pastoral não deve ser negligenciada ou transferida para vossa esposa, ou qualquer outra pessoa... Caso ele negligencie esse trabalho – visitar o povo em suas casas – é um pastor infiel e está sob a repreensão de Deus...” (*Evangélico*, pág. 440).

Por que e como

Alguns afirmam que seriam mais diligentes na visitação pastoral se pudessem dispor de mais tempo. Outros alegam não se sentir muito à vontade realizando esse trabalho. E existe, até mesmo, quem simplesmente confesse não apreciá-lo. Em qualquer caso, uma reavaliação das prioridades ministeriais, e mesmo da própria vocação, é oportuna. Se, por acaso, o problema é falta de mais amplo conhecimento sobre a importância e objetivos da visitação pastoral, ou mesmo da maneira como realizá-la mais eficientemente, as seguintes sugestões podem ser úteis:

1. *Visão correta.* – Qual é o conceito que

O primeiro e mais importante lugar onde um pastor deve ser achado é junto ao rebanho.

temos do trabalho de visitação pastoral? Por que ele deve ser feito? Uma rápida lembrança da maneira como Deus tratou com o ser humano ajuda a responder tais indagações.

Quando o povo de Israel saiu do Egito, a coluna de fogo, à noite, e a nuvem, durante o dia, faziam o povo lembrar-se constantemente de que Ele era um Deus sempre presente em sua experiência (Êxo. 14:21). Mais tarde, ao ordenar a construção do Santuário, o Senhor disse a Moisés: "E Me farão um santuário para que eu possa habitar no meio deles" (Êxo. 25:8). E assim, todos os símbolos utilizados nos serviços do tabernáculo incutiam na mente do povo, mais uma vez, a realidade da presença de Deus.

Na realidade, desde a criação do homem, Deus tem procurado dar-lhe uma imagem clara e distinta de Sua presença. No princípio, manifestava-Se pessoalmente no Éden. Após a entrada do pecado, passou a utilizar símbolos, profetas, sacerdotes e pastores, para manter viva na mente do povo a verdade de Sua existência, de Seu amor e cuidado. É dever do ministro, portanto, manter-se diante do povo como porta-voz de Deus. O exercício do ministério pastoral é uma extensão do trabalho de Deus em favor de Seus filhos. O pastor é o elo entre Deus e o povo. É Seu enviado à cada pessoa, lar e família que visita. Isso não é coisa de menor importância.

2. *Prioridade.* – É preciso dar a devida prioridade ao trabalho de visitação, separando tempo específico para ele. Haverá sempre "razões" para postergá-lo. O verdadeiro pastor, no entanto, sabe que seu primeiro trabalho é pastorear. As pessoas têm prioridade no plano de Deus. Se o rebanho estiver bem atendido, tudo o mais correrá de maneira plenamente satisfatória.

3. *Preparo pessoal.* – O ministro deve estar seguro de sua relação com Deus. Sem manter estreita ligação com a Fonte, ele é incapaz de alimentar o rebanho e de assisti-lo devidamente.

Os hábitos devocionais devem ser parte integrante de sua vida e seu programa. A vida devocional do pastor influencia direta e poderosamente em seu trabalho de visitação.

Primeiramente, ele deve receber de Deus para, então, partilhar com a igreja. Se carece de vida devocional consistente, nada recebe; por conseguinte, nada terá para dar.

4. *Planejamento.* – O êxito sempre acompanha a ordem, a disciplina e o planejamento. As visitas pastorais devem ser bem planejadas, com objetivos claros a serem alcançados. O que tem o pastor a oferecer, e o que espera como resposta? A quem, quando e onde vai visitar?

Alguns acham por bem avisar o dia e a hora da visita. Dessa maneira, argumentam, podem ser evitados desencontros, ou mesmo algum desconforto causado pela surpreendente chegada de uma visita, no caso o pastor, num momento impróprio. Outros acham desnecessário qualquer aviso, alegando que isso tornará o encontro mais informal. O bom senso, as circunstâncias e realidades específicas devem determinar o procedimento nessa questão.

5. *Atmosfera confiante.* – Todas as pessoas que se aproximaram de Cristo faziam-no muito à vontade e confiantemente. O pastor deve conduzir-se de tal modo que os membros da igreja possam falar livremente de suas preocupações, angústias, expectativas, e seus anseios, certos de que podem contar com um ouvido amigo. Eles devem estar seguros de que nada do que partilham sobre si mesmos será transmitido a outros.

Absoluta ética pastoral está envolvida aqui. A credibilidade de muito pastor já foi desmoronada exatamente nesse ponto.

O pastor deve saber ouvir, e calar-se tão hermeticamente como uma tumba lacrada.

6. *Objetividade.* – Uma visita pastoral tem objetivos definidos. A conversa não

deve divagar sobre assuntos alheios ao que se deseja no momento, embora o pastor não deva mostrar-se tão apressado a ponto de consultar freqüentemente o relógio. Tão logo chegue, após as saudações introdutórias, ele deve conduzir a conversa de modo natural, na direção que deseja. Jamais dando a impressão de que está realizando alguma fiscalização. Ele é um pastor.

Tendo falado e ouvido com empatia,

Visitação pastoral é uma extensão do ministério de Cristo, que veio visitar o mundo trazendo paz e salvação.

pode ler um texto bíblico apropriado e fazer uma prece.

7. *Cuidados*. – Ninguém deve ser discriminado. Todos necessitam da visita do pastor. Nada de favoritismo. O pastor deve ser amigo de todos, não sendo íntimo de ninguém, se não deseja despertar ciúmes na congregação. Em determinadas visitas, é melhor que a esposa, ou outra pessoa, o acompanhe, protegendo-o assim de comentários indiscretos e desabonadores, da aparência do mal, ou mesmo de alguma armadilha preparada pelo inimigo das almas.

8. *Treinar anciãos*. – Embora a visitação seja um privilégio para o pastor, ele pode e deve partilhá-lo com os anciãos. Para isso também eles foram ordenados. Especialmente em igrejas grandes, situadas nos grandes centros, tal divisão de cargas é necessária para que toda a comunidade seja bem assistida.

Benefícios

Visitação pastoral não é algo periférico, acidental ou esporádico. É uma parte essencial do ministro que trilha as pegadas do Senhor que veio visitar o mundo, trazendo conforto, paz e salvação. Ao exercitá-la, o pastor tem a oportunidade de inteirar-se das necessidades íntimas, materiais e espirituais da congregação. Pode observar mais de perto os problemas, descobrindo caminhos para solucioná-los. Através dela, são estreitados os vínculos entre o pastor e o rebanho, facilitando a comunicação entre ambos, e conscientizando o membro da igreja quanto a sua real importância.

Então, no sábado, ele saberá que alimento espiritual será oferecido. O povo o recebe com alegria, fica feliz, satisfeito e nutrido.

O Dr. J. D. Ronking, clérigo presbiteriano, certa vez falou a um companheiro de ministério: "O presbitério põe-lhe nas mãos não somente o púlpito, mas também os lares da congregação. Será um pastor, além de um pregador. Isso requer contato pessoal. No púlpito, verá os rostos da congregação; em seus lares, lerá seus corações. No púlpito, obterá sua admiração; nos lares, seu amor. No primeiro, as crianças o encararão com assombro; no lar, porão o coraçãozinho em suas mãos, com inquebrantável confiança. Ao mesclar-se com as pessoas em seus lares, o poder do púlpito será grandemente multiplicado. O pastor que é invi-

sível durante a semana, é incompreensível no domingo."

Pedro e o pastorado

Após ter negado o seu Mestre, por três vezes, Pedro foi restaurado ao seu lugar no Ministério. Não sem uma prova pública, depois de arrependido e convertido. João descreve a cena: "Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-Me mais do que estes outros? Ele respondeu: Sim, Senhor Tu sabes que Te amo. Ele lhe disse: Apascenta os Meus cordeiros. Tornou a perguntar-lhe pela segunda vez: Simão, filho de João, tu Me amas? Ele lhe respondeu: Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo. Disse-lhe Jesus: Pastoreia as Minhas ovelhas. Pela terceira vez Jesus lhe perguntou: Simão, filho de João, tu Me amas? Pedro entristeceu-se por Ele lhe ter dito, pela terceira vez: Tu Me amas? E respondeu-Lhe: Senhor, Tu sabes todas as coisas, Tu sabes que Te amo. Jesus lhe disse: Apascenta as Minhas ovelhas." (João 21:15-17).

Três vezes O negara, três vezes afirmara seu amor por Ele. E Jesus apontou-lhe o dever prioritário: "Apascenta os Meus cordeiros... Apascenta as Minhas ovelhas". Cordeiros e ovelhas; novos e velhos na fé. Os recém-conversos e os maduros. Todos necessitam de cuidados pastorais.

Segundo Adam Clarke, nos versos 15 e 17, a palavra apascentar é uma tradução do verbo *bosko*, que dá a idéia de nutrir, alimentar, sustentar. No verso 16, aparece a palavra "pastoreia", como tradução do verbo *poimano*, significando cuidar, guiar, governar e defender. A idéia que parece ser partilhada aqui é a de que não é suficiente apenas oferecer o pão da vida à congregação, mas também que é necessário cuidar para que as ovelhas estejam apropriadamente reunidas, reguladas e bem guiadas.

Pedro entendeu perfeitamente a lição. Tanto é assim que muito depois deixou-nos o seguinte conselho: "Pastoreai o rebanho de Deus que há entre vós, não por constrangimento, mas espontaneamente como Deus quer; nem por sórdida ganância, mas de boa vontade; nem como dominadores dos que vos foram confiados, antes tornando-vos modelos do rebanho. Ora, logo que o Supremo Pastor Se manifestar, receberéis a imarcescível coroa de glória." (1 Ped. 5:2-4).

Mitos ministeriais

LAURIE DENSKI-SNYMAN

*Esposa de pastor na Associação de Michigan,
Estados Unidos.*

Muitas vezes pensamos que temos a última palavra sobre o certo e o errado. Sentimos que podemos separar falsas hipóteses das verdadeiras. Mas, quando enfrentamos o dia-a-dia, acabamos fazendo coisas que aumentam nosso nível de estresse, fragmentam nosso casamento e nossa família, fornecendo modelos impróprios para nossas congregações.

Justamente porque somos seres humanos falíveis, somente Deus conhece as respostas para muitos dos dilemas que enfrentamos. Quem sabe alguns desses dilemas estão relacionados com certos mitos que aprendemos a desenvolver na vida ministerial. Neste artigo, convidamos você a refletir sobre alguns pontos que merecem uma análise acurada. Considere, então, porque tais hipóteses não são verdadeiras, ou parecem ser verdadeiras, para você.

Mitos para análise

Enumeramos, a seguir, dez mitos merecedores de ponderação, e que necessitam ser vencidos.

1. Cuidar de minhas necessidades, antes das de outros, é egoísmo.
2. Devo sempre atender a todas as necessidades das pessoas ou da igreja.
3. Não preciso cultivar amizade com outras mulheres, porque tenho meu esposo e, como meu melhor amigo, ele é tudo o que eu preciso.
4. Só por ter nascido num lar adventista, sou produto de uma família ideal.
5. Uma vez que amo a Deus e Lhe devoto fielmente dizimos e ofertas, qualquer si-

tução difícil em que me encontre, é Sua vontade.

6. Muitas vezes a igreja tem prioridade em relação ao esposo e à família.

7. Devo estar disponível sempre que alguém quiser falar comigo.

8. Se meu esposo é a cabeça do lar, sinto que não devo questionar suas decisões.

9. Mesmo tendo crianças para cuidar, devo assumir todas as funções que me forem oferecidas na igreja, para mostrar meu apoio.

10. Quando discordo de meu esposo, ou de um membro da igreja, é sempre melhor ficar calada.

Desmistificando

Vamos comentar cada um dos pontos enumerados acima:

1. Quando viajamos de avião, os adultos são orientados, em caso de emergência, a colocar máscaras de oxigênio em si mesmos antes de pô-las nas crianças. Seria isso alguma indicação de que as crianças não são importantes? Evidentemente, não. Seguindo a orientação dada, simplesmente o adulto pode testar o funcionamento adequado do objeto, enquanto o coloca na criança. Do contrário, ela ficaria sem saber o que fazer, correndo sério perigo de vida. A Bíblia nos diz que devemos amar o próximo como a nós mesmos (Lev. 19:18). Qualquer pessoa que não ame a si mesma, possivelmente não amará também o próximo. Devemos tomar tempo para cuidar de nós mesmas. Assim estaremos fortalecidos para assistir de maneira adequada àqueles que nos rodeiam.

2. Somos responsáveis diante de Deus, pelo gerenciamento do nosso tempo. Precisamos investir mais de nossa energia nas responsabilidades que recebemos de Suas mãos, no cuidado do cônjuge, das crianças, e de nossa saúde.

Quando cumprimos satisfatoriamente nossas obrigações, Ele nos confiará outras responsabilidades, e nos concederá a visão de equilíbrio para nossa vida. Se damos muito pouco de nós mesmas, acabaremos falhando, tristes e frustradas. Mas não nos esqueçamos de que moderação, em todas as coisas, é importante.

3. O plano de Deus é que tenhamos um relacionamento fechado, íntimo com nosso esposo. Mas só Deus pode compreender nossos mais profundos anseios, e o esposo não pode ser responsável por suprir todas as nossas amizades. Precisamos nutrir laços de companheirismo também com outras mulheres com as quais podemos orar e partilhar. Muitas esposas de pastores vêm o esposo como tendo de suprir todas as suas necessidades sociais, e falham em manter relacionamento com outras. Devemos, sim, tomar tempo para desenvolver laços espirituais com outras mulheres.

4. Muitas vezes você deve ter dito: "Quando eu crescer, nunca farei isto ou aquilo." Todavia, não raro nós nos encontramos trilhando o mesmo caminho dos nossos pais. Somos criaturas de padrões transmitidos de uma geração à outra. É preciso que perdoemos nossos pais por suas faltas, e tenhamos a sabedoria de ver até onde aqueles padrões enraizados nos influenciam. Devíamos nos perguntar sempre: "O que poderia fazer diferente dos meus pais?" "Que aspectos no trato com meu cônjuge poderiam ser melhorados?"

5. Sabemos muito bem que pecado, traumas e sofrimentos não representam a vontade ou o plano de Deus para a nossa vida. Mas o terrível fato é que vivemos num mundo controlado por Satanás e seus anjos maus. Não estamos imunes a seus ataques maliciosos; mas Deus pode levar-nos a tirar lições positivas do sofrimento. Sempre deveríamos sair de cada crise, esperançosas, e mais dependentes de Jesus em cada necessidade.

6. Semelhantemente ao que foi dito no item nº 2, devemos reconhecer nossas prioridades. Muitas pessoas têm empregado toda sua energia nas atividades da igreja, apenas

para perder seus familiares. Se os membros da igreja consomem todo o nosso tempo, nossas horas de lazer com a família, férias e datas especiais serão sempre prejudicadas. As crianças saberão onde nós as colocamos em ordem de importância, e reagirão a isso. Aprendamos a desligar-nos dos eventos cotidianos, enquanto dispendemos tempo ininterrupto com nossa família. Esses dias e momentos necessitam ser planejados, e devem ter prioridade.

7. Nosso motivo para ajudar alguém nem sempre é altruísmo. Algumas vezes, queremos resolver o problema para não sermos importunadas outra vez; algumas vezes a razão é apaziguar a culpa; noutras vezes queremos conquistar uma amizade, ou ganhar uma pessoa para a igreja. Precisamos decidir nossas prioridades, avaliar nosso tempo e nossos motivos quando estivermos diante da oportunidade de ajudar alguém.

8. Deus criou a mulher como ajudadora do homem. Ela possui uma intuição, ou perspectiva especial sobre as coisas, da qual o homem necessita. Se Deus não quisesse que a mulher tivesse uma participação ativa no casamento, por que então iria criá-la? Muitas vezes, idéias diferentes acabarão dando equilíbrio aos planos e negócios do casal.

9. Crianças não se tornam pessoas cristãs, apenas por ficarem sentadas assistindo a infundáveis reuniões. Cada coisa deve ser feita com moderação. Podemos tornar-nos insensíveis, mesmo dando assistência aos trabalhos da igreja, se esquecemos das pessoas e suas necessidades. A vida do lar é importante para nossas crianças. Elas necessitam de tempo planejado para estudar e desenvolver atividades normais no contexto da família.

10. Quando sentimos algo a respeito de qualquer coisa, devemos expressar. Jesus discordava de algumas coisas ou pessoas, sempre de maneira amorosa. Nossa atitude não deve ser de antagonismo, orgulho e controle, mas de ajuda a outros e de manutenção da unidade de propósitos. Abafar uma opinião, muitas vezes, somente causa ira e frustração. O corpo de Cristo necessita de todos os talentos, idéias e dons que a esposa do pastor recebeu do seu Criador.

Pondere sobre esses mitos em sua própria situação. Através da oração e de um relacionamento com Jesus, esteja segura de que Ele lhe guiará pelo caminho que sabe ser o melhor.

BIBLIOTECA DO PASTOR

REDEÇÃO CONSUMADA E APLICADA



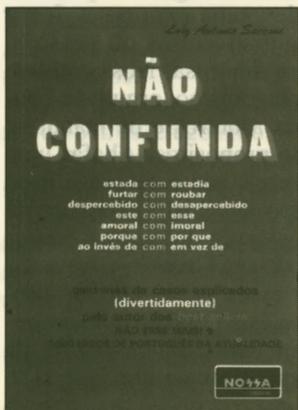
– John Murray, Editora Cultura Cristã, São Paulo, SP; 200 páginas.

Entender ao máximo o drama da redenção é preciso, a fim de podermos entender também ao máximo todos os demais atos divinos dentro da economia

do Deus Triúno. Uma igreja que entenda bem a ciência bíblica do ato divino no Calvário (como centro de um todo) estará também solidamente preparada para entender a natureza e sutileza das heresias modernas. Os inimigos estão atacando o reino de Deus precisamente nesta esfera. “O homem não precisa de Cristo, ele pode resolver os seus próprios problemas”, dizem eles.

São quinze capítulos, divididos em duas partes, todos com preciosas lições.

NÃO CONFUNDA – Luiz Antônio Sacconi, Nossa Editora, Ribeirão Preto, SP; 184 páginas.



Há muitas pessoas que, desconhecendo o verdadeiro emprego e significado de certas palavras e expressões, acabam trocando uma pela outra, tornando imper-

feito o ato da comunicação. Nesta obra, o Professor Sacconi arrola uma série dessas palavras, usando a mesma disposição didática já sobejamente conhecida em outras obras suas: a simplicidade, aliada ao bom-humor.

Trata-se de uma feliz idéia de penetrar a alma da palavra, em relação a outra ou a outras pertencentes ao mesmo campo semântico.

Leitura apropriada para anciãos e pastores que freqüentemente fazem sermões e palestras.

CRISTIANISMO PURO E SIMPLES



– C. S. Lewis, ABU Editora, São Paulo, SP; 129 páginas.

Poucos homens conseguem fazer da teologia algo tão atraente e fascinante como C. S. Lewis. Sua capacidade de raciocínio e de comunicação acaba prendendo a

atenção do leitor. Apresenta uma riqueza de comparações que permitem entender aspectos profundos da teologia. Uma leitura extremamente agradável e edificante, do começo ao fim.